Tribuna da Luta Operária

Nº 30, ANO II, DE 3 A 17 DE JANEIRO DE 1981 — PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr$ 15,00

Quem teve peso em 80

Nas páginas 4 e 5 o balanço do ano passado, o avanço das lutas do povo e o fracasso dos planos do regime militar

Foto de Figueiredo e seu ministério em março de 1979. Em 21 meses de governo foram sete ministros substituídos: 1) Eduardo Portella; 2) Said Farhat; 3) José Maria de Andrade Serpa: 4) Petrônio Portela; 5) Mário Henrique Simonsen; 6) Mário Augusto de Castro Lima; 7) Karlos Rischbieter. Quem serão os próximos?

No vestibular só passa tendo «nota»

Leia na página 8

Funcionários dizem que vão parar

Página 2

ASSASSINATOS QUE O POVO NÃO ESQUECE

Página 8

Editorial

Promessa para 1981

Na sua posse o general Figueiredo e sua equipe de governo fizeram promessas de democracia e de bem-estar. Prometeram controlar a inflação e a dívida externa, prometeram eleições, prometeram demagogicamente o que não podem e o que não querem fazer.

Enquanto isto, teimosamente, os fatos iam mostrando atrás de cada promessa uma mentira, ou um fracasso. Para o ano de 1981, o general mudou de tom e anunciou muito trabalho e pouco dinheiro. Mas sr. General, não foi exatamente muito trabalho, muita exploração e pouco dinheiro que estes 16 anos de regime militar impuseram aos trabalhadores? Nestes anos de dominação das botas e dos fuzis, a classe operária não viviu esmagada pelo arrocho salarial, pelas horas extras, pela rotatividade da mão-de-obra, pelo desemprego? Não foi para manter esta superexploração que as forças armadas prenderam, torturaram e assassinaram um total de meio milhão de brasileiros que não baixaram a cabeça? Não foi para isto que os parlamentares foram cassados, sindicatos sofreram intervenção, milhares de pessoas foram obrigadas a viver longe de suas famílias no exílio?

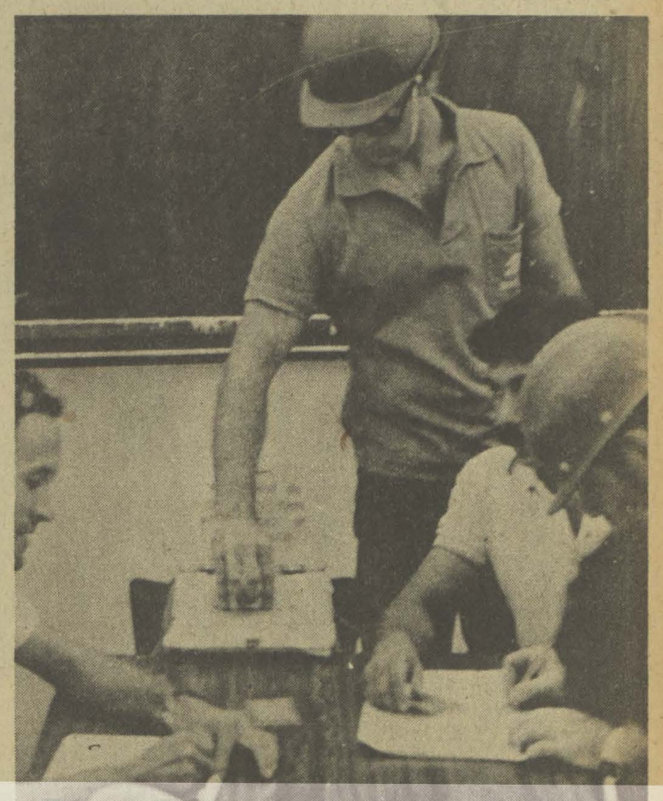
✱ Do ponto de vista da classe operária, o general Figueiredo apenas reafirmou que, enquanto existir regime militar, o povo vai trabalhar como escravo e os patrões multinacionais (e nacionais) vão receber lucros fabulosos. Enquanto este regime se mantiver os trabalhadores vão continuar fazendo horas extras que prolongam a jornada de trabalho para 10, 12, 14 e mais horas, para conseguir um salário cada vez mais mínimo. E o pão, o leite, a carne, o feijão, cada vez mais caros, vão continuar desaparecendo da mesa do povo.

✱ Mas os regimes políticos não são eternos. E cresce o sentimento de que é preciso derrubar este regime de fome e de opressão, que defende a burguesia, os latifundiários e o capital estrangeiro. Substituí-lo por um governo provisório, do qual participem todos os setores democráticos e as forças populares unidas. Contando com amplo apoio de massas, este governo pode revogar a atual política econômica nociva ao povo, pode eliminar as leis arbitrárias e antidemocráticas, e convocar uma Assembléia Nacional Constituinte, eleita com liberdade. Participando deste amplo movimento de frente única, a classe operária contribuiria para a sua organização, a de seus aliados, e abriria caminho para um governo de democracia popular, em marcha para o socialismo.

Assim, se a promessa dos generais para 1981 é de fome e muito trabalho, a promessa da classe operária é de luta, muita luta. Pelo pão, pela terra, pela Constituinte, pela liberdade, pelo socialismo.

Operários de Ribeirão votam bem e limparam o Sindicato

Leia na última página



Urna na Zanini, a maior metalúrgica da região

A outra sova na pelegada foi dada pelos eletricitários da Bahia

Página 8

CEDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

L.C. Leite

O Congresso previu novas lutas em 1981

CONGRESSO NACIONAL CONTRA A CARESTIA

Ampliar a participação

O I.º Congresso Nacional de Luta Contra a Carestia significou um passo adiante para a compreensão dos diversos aspectos da luta das massas trabalhadoras contra a fome e a exploração, bem como o que é o Movimento Contra a Carestia (MCC), sua organização e métodos de luta.

1980 encerrou-se com uma das mais altas taxas de inflação dos 480 anos de existência do Brasil. As perspectivas para o novo ano são ainda piores. Novos e escorchantes aumentos são anunciados para os primeiros dias de 1981: energia elétrica, comunicações, transportes, carne, leite, pão, açúcar, aluguéis e prestações de casas — enfim os itens que mais pesam no orçamento popular.

O POVO NÃO FICA PARADO

As massas não podem e não devem ficar impassíveis nessa situação. Protestos, manifestações, mobilizações contra o aumento dos preços ocorrerão nas mais diversas partes do território nacional. Operários, donas-de-casa, funcionários, assalariados agrícolas e pequenos proprietários do campo, estudantes e mesmo setores da pequena e média burguesia estarão presentes nessas lutas, que deverão congregar um número cada vez maior de pessoas e assumir formas mais radicais.

UNIDADE DE AÇÃO

É evidente que um movimento de tal envergadura não poderia se restringir aos marcos de uma única forma de organização. Além do movimento específico contra a carestia, o MCC, todas as entidades de cunho popular deverão ser incorporadas às ações e lutas.

No entanto, a luta contra a carestia não pode ser espontânea. Necessita ser orientada no sentido da unidade de ação, para que possa abarcar amplas camadas da população.

Os interesses em jogo são profundos. As causas que determinam a carestia de vida são estruturais e não apenas conjunturais. A permanente estabilidade dos preços dos produtos de consumo popular só será possível quando as massas trabalhadoras — com o proletariado à frente — tiverem as rédeas do comando político e econômico.

ORGANIZAR O MCC

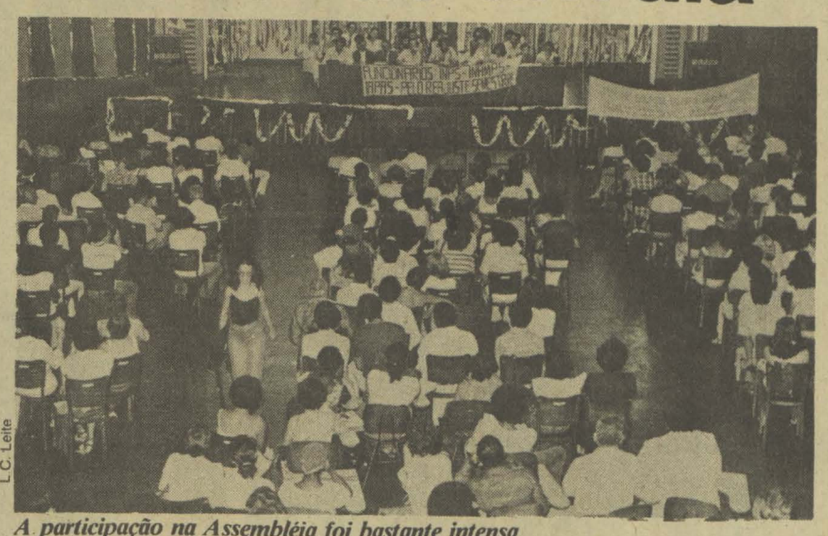
A história da luta do nosso povo tem demonstrado que é possível vitórias parciais na luta contra a carestia. Conquistar o congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, dos serviços públicos, transportes, aluguéis e outros, requer formas de luta e de organização que tenham possibilidade de mobilizar milhões de pessoas em todo país. O I Congresso Nacional de Luta Contra a Carestia aprovou importante resolução nesse sentido. A organização vai desde os núcleos nos bairros, povoados, vilas, categorias profissionais até as coordenações e caráter municipal, estadual e nacional. Nestas coordenações deverão estar presentes representantes dos núcleos do MCC e de todas as entidades de caráter popular que desejarem participar da luta contra a carestia. A presença em Belo Horizonte de dezenas de entidades, entre elas sindicatos e federações de trabalhadores da cidade e do campo, entidades de bairro, entidades estudantís e partidos políticos mostrou que a luta contra a carestia pode ter grande amplitude. É necessário que esta ampla participação se reflita ainda mais na organização do MCC em nível municipal e estadual.

A luta contra a carestia jogará importante papel nas mobilizações populares do ano que se inicia, pois é a própria luta pela sobrevivência de milhões de brasileiros vítimas da exploração. O dilema fome-sobrevivência se rompe com a unidade e a luta de todos os setores combativos da população.

(C.R.)

LUTA SALARIAL DOS SERVIDORES PÚBLICOS

Greve nacional de um dia



L.C. Leite

A participação na Assembléia foi bastante intensa

De pé e sob fortes aplausos foi aprovado por cerca de mil servidores públicos federais da previdência social um voto, de "persona non grata" da categoria, aos ministros Delfim Neto e Jair Soares. Esta manifestação, ocorrida na última Assembléia da classe, no dia 19, evidencia a combatividade dos funcionários públicos na luta pelo reajuste semestral, o 13º salário, por um aumento salarial justo e pelo direito á sindicalização.

Os trabalhadores no INPS, INAMPS e IAPAS têm sido (juntamente com o restante do funcionalismo público) totalmente marginalizados da grande vitória dos trabalhadores, que é o reajuste semestral. Além disto têm recebido aumentos salariais sempre abaixo do custo de vida. Só no ano que passou a defasagem entre os aumentos salariais e o índice do custo de vida foi de 142%.

GREVE NACIONAL

Outra decisão importante tomada nesta Assembléia é a da realização de um Dia Nacional de Luta, em 1º de Abril, com a paralisação geral e nacional de toda a categoria. Nesta data será dada pelo governo a segunda parcela do mísero aumento salarial de 1981, que é no total de 82,25%. "Com esta paralisação de um dia a gente mede a nossa força para, se o governo não der maiores aumentos, parar por tempo indeterminado", afirma um dos membros da coordenação da campanha.

De hoje até 1º de abril é objetivo mobilizar tanto os funcionários públicos federais, como os estaduais e municipais para esta greve de um dia. A paralisação entre os federais já é quase certa, por que além da participação de vários estados nesta articulação (na assembléia do dia 19 havia servidores do Pará e Paraná) há o apoio da União Nacional dos Servidores Públicos, a UNSP, que tem entidades filiadas espalhadas por todo o país. E para tentar a unificação com os estaduais e municipais foi votada a realização de encontros em todos os Estados no dia 25 de fevereiro.

BURRICES DOS MINISTROS

Ficou claro que os funcionários públicos estão decididos a lutar. Vários oradores, na maioria pessoas "velhas de casa", demonstraram rancor frente ao desrespeito do governo Federal.

Afirmou um servidor, sendo muito aplaudido, "enquanto nós mendigamos o pão para os nossos filhos, as madames de Brasília usam aviões particulares para irem ao cabeleireiro."

Ao final da Assembléia algumas pessoas puxaram a palavra de ordem: "Funcionários unidos, jamais serão vencidos", deixando claro que a batalha está só começando, "e que a gente vai precisar de muita união e organização em todas as seções, cidade do interior, enfim, em todo o país, para conquistarmos a vitória".

ELEIÇÕES METALÚRGICAS EM OSASCO - SP

Duas chapas na batalha

Nos dias 29 e 30 de janeiro haverá eleições para o sindicato dos metalúrgicos de Osasco, município de São Paulo conhecido pela sua tradição de luta e grande concentração operária. Foi lá que em 1968 os operários em greve tomaram a metalúrgica Cobrasma. Imediatamente depois o Exército invadiu a indústria, fazendo daquela greve um dos mais importantes sinais de resistência à ditadura mititar.

CHAPA 1 É A MELHOR

Duas chapas vão concorrer e estão em plena campanha eleitoral. A chapa 1 é a que tem maiores possibilidades de dinamizar e popularizar o Sindicato, de desenvolver a luta contra os péssimos salários e condições de trabalho.

Carlos Aparício Clemente, que concorre à segunda gestão, explica que "o Sindicato nesta última gestão mudou bastante. Antes era só o presidente que saía da sede, o resto era tudo burocrata. A partir de 78, mesmo com as restrições da estrutura sindical, desburocratizamos um pouco o sindicato, multiplicamos a sindicalização, aumentamos de 10 para 25 mil exemplares o jornal do sindicato, realizamos seminários e congressos".

Clemente rechaça violentamente as acusações de peleguismo feitas pela Chapa 2, de oposição, que é apoiada pelas forças que compõem o PT de Osasco. "Podemos ser ainda poucos experientes, mas não somos traidores. Muitos de nós já dormiram na cadeia por estar nas portas de fábrica mobilizando os companheiros para a luta. Nunca impedimos a participação de ninguém no sindicato, seja comunista, socialista, etc. O que não aceitamos é deixar o sindicato virar sede de um partido político, como eles querem, o que só prejudicaria a entidade. A classe operária não quer a divisão.

CONGRESSO DE DOCENTES

Unir na CPB

Serão realizados no mês de janeiro dois congressos de professores. Um em Recife, de 14 à 17, convocado por algumas entidades professores de 1.º e 2.º graus da rede oficial. O outro, de 24 à 30 em Fortaleza, convocado pela Confederação dos Professores do Brasil (CPB), entidade existente há muito tempo, que congrega os professores do 1.º e 2.º graus da rede oficial de todo o país.

TLO ouviu Domingos Martins, participante do movimento do professorado paulista, sobre as questões que norteiam as duas articulações nacionais: "A preocupação de se unificar o professorado de todos os níveis e redes é justa e deve passar necessariamente pela articulação das entidades nacionais, estaduais e municipais já existentes. Sob a alegação de que a CPB é "fantasma" e não representa a categoria, o Congresso de Recife tem como objetivo criar uma "nova" entidade nacional de professores de 1.º e 2.º graus. Tal proposta é prejudicial aos professores, divide suas forças. Mesmo quando uma direção de entidade leva uma ação antidemocrática e contra os trabalhadores, estes devem participar dela e levá-la a uma **ação combativa. É fundamental a participação nos dois congressos. No primeiro, para combater o paralelismo e lutar pela unidade.**

No congresso da CPB devemos brigar pela sua democratização e pela participação de todos na campanha nacional por mais verbas para a educação. **Que sejam tiradas formas concretas de luta por dois pontos, que já fazem parte de seu programa: o fim do regime militar e pela convocação de uma** Assembléia Nacional Constituinte".

L.C. Leite

Favelados comemoram vitória da luta pela luz elétrica

MOVIMENTO DE FAVELAS - SP

Favelados conseguem luz

Foi com muita animação que os moradores do Jardim Valquíria, na zona sul de São Paulo, comemoraram no dia 27 a chegada da luz elétrica no seu bairro. Esta vitória só foi possível graças à união de todos, conforme afirmam os moradores daquela favela. Para o grande bolo que foi feito especialmente para aquele momento, a maioria dos favelados contribuiu com uma pequena quantia.

A luta pela luz elétrica já vinha sendo levada há mais de um ano. A Light, com uma enorme burocracia, sempre dizia que não podia fazer a ligação e os mandava de um lugar para outro. Cansados dessa embromação, os moradores decidiram ir diretamente até o prefeito para pressioná-lo. Nesta reunião o prefeito prometeu-lhes as ligações com a instalação dos postes gratuitamente.

Dona Sebastiana Dias, a moradora mais antiga do Jardim Valquíria, muito emocionada durante a festa dizia que "agora temos que partir para outras lutas". Os moradores também fizeram uma homenagem a Lourdes e Hilda, as duas jovens que iniciaram o movimento pela luz elétrica.

Na favela da Cidade Leonor, na zona sul, onde moram mais de 10 mil pessoas também houve festa. Dia 20 de dezembro foi inaugurado o salão para reuniões feito em um mutirão como mais de 300 pessoas.

DE NORTE A SUL

Apoio às lutas

João Pessoa, PB — Foi formalizado no último dia 17 em João Pessoa o Comitê Permanente de Solidariedade às Lutas Populares. O surgimento deste comitê se dá em função da necessidade de organizar o apoio das diversas entidades democráticas e populares aos trabalhadores e demais setores em luta, em especial aos camponeses, já que na Paraíba são constantes os conflitos pela terra. Agora mesmo desenrolam-se conflitos desta natureza em Camucim e Alagamar, onde, ao contrário do que diz o governo, não há paz. Participaram desta reunião cerca de 16 entidades, inclusive vários sindicatos rurais e jornais alternativos, entre eles a **Tribuna Operária. (Da Sucursal)**

PDS x Camponeses

Agua Branca, AL — O latifundiário e deputado estadual pelo PDS algoano Roberto Torres está ameaçando de morte os camponeses de Água Branca que pretendem organizar o PMDB local. Na região não chegou a existir o antigo MDB. A família Torres nunca permitiu. Mas agora um grupo de trabalhadores da região está organizando o PMDB. A reação de Torres não se fez esperar: seus capangas estão ameaçando de morte os organizadores do partido oposicionista. Ao mesmo tempo, o governo estadual socorre os latifundiários que o apóiam e não permite aos peemedebistas realizar serviços nas frentes de trabalho contra a seca. Nega-lhes, inclusive, água. Dias atrás o deputado Roberto Torres disse na presença de testemunhas que "a lei da espingarda ainda não acabou aqui". Prevêem-se novos conflitos na região. **(Do correspondente)**

Preparar o ENCLAT

Trabalhadores unidos, AL — Os trabalhadores de Alagoas que, através de trinta entidades sindicais enviaram uma nota enérgica ao Presidente da República em fins de novembro, contendo importantes reivindicações, foram mais adiante e estão preparando um ENCLAT, Encontro das Classes Trabalhadoras de Alagoas. No dia 5 de fevereiro, no auditório da Delegacia Regional do Trabalho, será feita a partir das 9 horas da manhã uma reunião preparatória do ENCLAT. **(Da Sucursal)**

Boletim dos bairros

Rio de Janeiro, RJ — Voltou a circular novamente o jornal **Boletim dos Bairros**, agora com uma nova cara. Seus organizadores resolveram relançar o jornal aprimorando a sua diagramação e, sobretudo, definiram melhor a sua linha editorial. Neste número de relançamento, seus artigos tratam da falta do feijão, dos transportes coletivos (só quebrando, é a conclusão) e da luta pela Constituinte. Trata também de problemas específicos de alguns bairros e pequenas notícias. **(Da sucursal)**

Nova diretoria

Eletricitários - PE — Na posse da nova diretoria do sindicato dos eletricitários, Edvaldo Gomes e Souza, engenheiro da CHESF e novo Presidente, foi bastante aplaudido: "Repudiamos o sindicalismo burocrático e pelego, braço infiltrado dos patrões no meio trabalhista ... Criticamos o paralelismo sindical, prática de alguns combativos trabalhadores e trabalhadoras, que não percebem a importância do trabalho dentro dos sindicatos existentes, com o objetivo de transformá-los em casas dos trabalhadores e bastiões da luta pela liberdade e autonomia sindical". **(da Sucursal)**

Ritmo de Congresso

São Paulo-SP — A coordenação do II Congresso da Mulher Paulista - região Sul de São Paulo, convida as entidades e pessoas interessadas para o próximo encontro preparatório que será realizado no dia 10 de janeiro de 1981 no Serviço de Orientação da Família (SOF), na rua Jacamim n.º 2 às 14 hs. Essa reunião tratará dos critérios para a escolha e eleição dos representantes da região Sul para compor a coordenação do Congresso a partir do dia 15 de janeiro de 1981. Apresentará informes das comissões de trabalho e criará novas comissões.

A greve organiza

Professores, PB — Num clima de **muita alegria foi fundada no dia 18 de dezembro a Associação dos Funcionário da Universidade Federal da Paraíba. A idéia da formação da entidade já existia há algum tempo, mas foi com a última greve dos docentes universitários que ganhou mais força. a UFUFPB surge com uma proposta bastante combativa e conforme frisa seus estatutos, "independente e autônoma em relação à estrutura administrativa da UFPB". A nova diretoria será eleita em março próximo, ficando até lá uma diretoria provisória. (da Sucursal)**

Truque sujo

Construção Civil, BA — O pelego **José Veloso do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Construção Civil de Salvador, que já está prejudicando a categoria há catorze anos, fez mais um truque sujo e publicou o Edital de Convocação das Eleições apenas cinco dias antes do prazo legal. A chapa de oposição, tendo à frente Daniel Francisco dos Santos não teve condições de se inscrever e está travando uma batalha legal, contando com o apoio dos trabalhadores e de outros sindicatos.**

Prefeito metido

Furando a unidade dos trabalhadores rurais de Manga, cidade do Norte de Minas, o prefeito Silvino Pereira Gonçalves, do PDS, fazendeiro e grileiro, está articulando uma chapa para derrotar a chapa de Anisio Pereira Soares, combativo candidato à Presidência. Messias, o atual secretário, traindo os interesses da categoria, utilizando inclusive de carros e infra-estrutura da Prefeitura, faz oposição à Anísio. Os trabalhadores rurais de Manga já têm criticado bastante a traição de Messias, o homem de Silvino. As urnas mostrarão a sua opinião. (da Sucursal)

Princípios

Aguarde para breve o lançamento de Princípios, **uma revista teórica, política e de informação a serviço da propagação do socialismo científico no Brasil**

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome: .....

Endereço: .....

Bairro: ..... Cidade: .....

Estado: ..... CEP: ..... Fone: .....

Estou remetendo um cheque de Cr$ 750,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. - Banco Itaú - Agência Jaceguai - conta nº 03154 São Paulo - Capital.

Tribuna Operária

Jornalista responsável: Pedro de Oliveira

Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel, Dilair Aguiar.

Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista - São Paulo, capital - CEP 01325 Tel. 36-7531.

Sucursais: Rio de Janeiro: R. Joaquim Silva, 11, s/307 - Lapa - CEP 20241; **Minas Gerais:** R. Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial - Contagem - CEP 30000; **Bahia:** R. Padre Vieira, 5 - s/307 - Salvador - CEP 40000; **Pernambuco:** R. 7 de Setembro, 42, 7º andar, s/707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000; **Rio Grande do Sul:** R. Gen. Câmara, 52 - s/29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000; **Ceará:** R. do Rosário, 313 - s/206 - Fortaleza - CEP 70000; **Espírito Santo:** Av. Jerônimo Monteiro, 352, s/5 Vitória - CEP 29000; **Alagoas:** Rua Fernandes de Barros, 43 - s/05 - Maceió - CEP 57000

A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Joruês, rua Gastão da Cunha, 49 - fone: 531-8900 - SP.

CDM Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Os guerrilheiros preocupavam-se em morar como o povo

Viver e lutar com o povo

Neste terceiro artigo, Paulo Fonteles conta como foi a integração dos futuros guerrilheiros do Araguaia com o povo dos Caianos.

Caianos é um córrego que corre aproximadamente 60 quilômetros abaixo de São Geraldo, cidadezinha paraense em frente a Xambioá. Em 1968, Paulo Rodrigues Daniel Callado e Amaro Lins instalaram uma posse ali, onde Paulo já era bem conhecido, como regatão. Depois chegavam Dina, Antônio da Dina, Bergson, Áurea, Ari, Vito, João Carlos Sobrinho e outros.

OPERAÇÃO COM GILETE

A integração na vida do povo foi perfeita. Eles trabalhavam, viviam, comiam como o povo pobre daqueles rincões. Ainda hoje, quando se fala dos "paulistas", como eram chamados, todas as referências, absolutamente todas, são altamente elogiosas.

Juca, João Carlos Sobrinho e Dina são sempre lembrados, talvez pelos seus conhecimentos de medicina. Certa vez, Juca mandou às favas a segurança e com uma gilete fez uma operação — para salvar o pé de um lavrador, dizem uns, para salvar a vida de uma mulher que estava com um feto morto no ventre, dizem outros. Dina era parteira. "Aparadora que nem ela não havia", conta uma moradora. Tinha muitos afilhados. "Paulo gostava de uma **branquinha** (cachaça), mas era muito sereno. Daniel não. Gostava de festa, mas era revoltoso, qualquer coisa queria brigar. Já o Jorge gostava era de música", contam.

INTEGRAÇÃO NA LUTA

A integração nas lutas locais também se realizou nos Caianos, embora a palavra "política" fosse de certa forma proibida.

Fora eles que iniciaram, em 1970, a primeira resistência efetiva à grilagem nos Caianos, hoje um centro das lutas camponesas no Araguaia. Antoninho da IMPAR (Indústria Madeireira do Pará), tentou começar um grilo logo em cima das terras de Paulo. Um posseiro conta: "O Antoninho mandou dizer ao Paulo que ia mandar fazer uma picada pegando a posse dele. E que se o Paulo não quisesse sair ia ter muita bala pra ele. O Paulo mandou responder que as mesmas balas que o Antoninho tinha pra ele, ele, Paulo, também tinha pro Antoninho. O grileiro não tomou coragem e atalhou a picada dele pra outro lado. Isso animou muito o pessoal".

TRABALHO SEM DISCURSOS

A preparação de futuras lideranças camponesas também se fazia. Pacientemente, através do estreito contato pessoal, os futuros guerrilheiros iam descobrindo os camponeses mais firmes e decididos, mais esclarecidos. Sabe-se que, a boca fechada, algumas questões de natureza política eram tratadas entre os militantes do PCdoB e algumas lideranças de massa, preparando os embates que viriam.

Paralelamente a esse trabalho, no mais rigoroso segredo, ia se fazendo a preparação militar, individual e coletiva, teórica e prática. Toda a região ia sendo mapeada, os igarapés reconhecidos, as grutas anotadas, a selva tornando-se amiga.

De tudo pode-se concluir que, se o trabalho político anterior à guerra não se fazia através de discursos, nem havia deitado profundas raízes, ele se realizava, com vistas ao futuro, integrado às lutas e experiências das massas locais. Isto é fato.

Amazonas entusiasma bahianos

O lider do Partido Comunista do Brasil, João Amazonas, foi à Bahia para a inauguração do Centro de Cultura Operária, fazendo uma palestra para 1200 pessoas e concedendo uma entrevista coletiva para a imprensa.

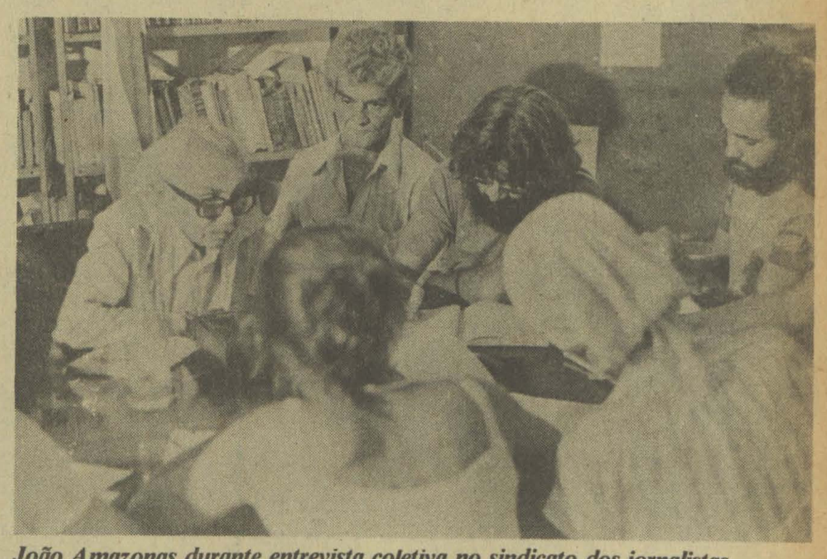
A viagem de João Amazonas à Bahia marcou profundamente os meios oposicionistas baianos. Desde o aeroporto, onde era aguardado por mais de 200 pessoas, até a palestra no CCO e a entrevista coletiva à imprensa, foi grande o carinho, não só dos comunistas mas do conjunto dos patriotas e democratas de Salvador.

A saudação calorosa do Presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia da Bahia, Joviniano Neto, no Aeroporto, as rosas vermelhas entregues por um grupo de mulheres democráticas, o carinho de todos que se aproximavam e queriam falar com João Amazonas demonstraram o prestígio desse incansável combatente da classe operária.

Durante a entrevista coletiva. Amazonas foi incisivo ao afirmar que no Brasil não existe outro partido com ideologia proletária e que o PC do B não teme a legalidade, quem teme é o governo. Amazonas considerou a Guerrilha do Araguaia como um dos maiores acontecimentos da história do povo brasileiro. Hoje — ressaltou — já se tem documentos sobre esse fato na literatura, no teatro e existem até grupos interessados em fazer filmes sôbre a Guerrilha

Sôbre a **abertura política,** disse que as correções que hoje o governo tenta fazer surgem devido ao isolamento em que se encontra e devido à luta do povo por melhores condições de vida. "A abertura política — afirmou — é uma concessão muito limitada. Os militares tentam manter o monopólio do poder político, mas não contam com o apoio do povo e fazem manobras que os levam a um isolamento maior, provocando o desastre que estamos vivendo hoje — a crise geral".

(da Sucursal de Salvador)



João Amazonas durante entrevista coletiva no sindicato dos jornalistas.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A causa da mulher

A desigualdade de direitos entre homens e mulheres é uma chaga antiga que surge com a divisão da sociedade em classes e só desaparecerá no socialismo. Na sociedade primitiva, homens e mulheres tinham responsabilidades iguais. Dividiam as tarefas de produzir os bens necessários à sobrevivência, preparar os alimentos e educar as crianças.

Com a introdução da pecuária, a divisão sexual do trabalho começa a pronunciar-se. As mulheres, devido à maternidade, ficam encarregadas dos trabalhos próximos ao local de residência, a agricultura e os trabalhos domésticos. Os homens ocupam-se da criação de gado, o que permite uma certa acumulação de produtos, como couro, queijos, etc. Ocorre então que os homens começam a ter uma situação privilegiada na família em relação às mulheres. Alguns deles conseguem acumular mais do que outros e começam a empregar a força de trabalho de outros homens. Surge a divisão entre exploradores e explorados. Mas todos os homens, sem exceção, têm uma situação privilegiada em relação às mulheres na família.

NO CAPITALISMO

Com a evolução da sociedade de classes e o surgimento do capitalismo, a exploração da mulher assume formas mais disfarçadas, mas nem por isso é menor. Hoje, como ontem, a mulher é vista como uma propriedade do homem, embora isso não se verifique da mesma maneira em todas as classes. As burguesas participam da exploração de outras mulheres e homens, na medida em que são co-proprietárias dos meios de produção. As trabalhadoras são as mais oprimidas, porque além de serem exploradas pelo patrão, são vitimas dos preconceitos e idéias atrasadas de seus pais, irmãos e companheiros. A mulher é um produtor sem direitos, um trabalhador sem salário. Quando trabalha fora, recebe menos e é mais perseguida. Raramente é promovida. Constitui uma massa de reserva: é empregada quando os patrões necessitam de maior produção com menos gastos.

SURGE O FEMINISMO

Mas ao jogar milhões de mulheres no trabalho produtivo, o capitalismo, paradoxalmente, liberta a mulher dos limites estreitos do "lar" para que engrosse o exército dos proletários. Não por acaso, foi sob este sistema que surgiu, há pouco mais de um século, o movimento feminista: um movimento democrático, de luta pelos direitos da mulher, porém estreitamente ligado com o movimento socialista.

Desde então, as mulheres vêm travando um árduo combate para abolir a estrutura social que permite sua exploração e simultaneamente uma luta ideológica contra os conceitos atrasados desenvolvidos ao longo dos séculos para justificar sua opressão. Além de participar ativamente em todos os movimentos libertários, buscam também criar formas próprias de organização e de luta.

POLÍTICA NACIONAL

Iniciativa em defesa da nação ameaçada

Causou forte impacto o manifesto "Em Defesa da Nação Ameaçada", divulgado dia 19 de dezembro por 32 políticos, generais, capitalistas, homens de imprensa e intelectuais brasileiros. O governo não engoliu o documento, e tratou logo de punir os generais que o assinaram: Euler Bentes foi advertido e Andrada Serpa, da ativa, recebeu voz de prisão.

ENTREGUISMO SEM MÁSCARA

Isto ocorreu porque o manifesto denuncia sem rodeios o domínio imperialista que cresce no Brasil. Fala do parque industrial "retalhado entre as principais empresas multinacionais"; do "crescimento da dependência tecnológica"; da "ocupação progressiva de partes consideráveis do território nacional por empresas estrangeiras", que formam "um processo inexorável de desagregação da Nação Brasileira". Repudia a aplicação da receita do FMI, "cuja ação intervencionista retirará da Nação parcela da nossa soberania". E acusa nas entrelinhas o regime atual por sua "tolerância excessiva", "negligência" e "permissividade".

Ao investir contra denúncias tão verdadeiras, o governo deixou cair a máscara "patriótica". Mostrou sua verdadeira face entreguista.

ATÉ ONDE CHEGA A CRISE

Ao mesmo tempo o manifesto mostra a que ponto chegou a crise brasileira. Uma boa parte das pessoas que o assinou até pouco tempo atrás silenciava, ou queixava-se em surdina, diante da orgia entreguista do regime. Alguns ainda ontem formavam parte da base de sustentação deste mesmo regime. Quando até esses setores saem a público com um manifesto assim, é porque a coisa realmente está preta.

ALERTA AOS PATRIOTAS

O documento invoca o tradicional patriotismo brasileiro para o esforço conjunto na defesa dos direitos da nacionalidade. É sem dúvida uma boa nova para os operários, diretamente explorados pelas multinacionais; para os camponeses, expulsos da terra para dar lugar a superfazendas de estrangeiros; para o povo trabalhador, que no fundo é quem paga a dívida externa e todos os tributos cobrados ao Brasil pelo capital imperialista. Este é mais um motivo para os setores populares, que sempre estiveram à frente da luta patriótica, redobrarem os esforços para criar um amplo movimento, de massas, que derrube o governo vende-pátria e crie as condições para a conquista da verdadeira independência nacional.

INTERNACIONAL

INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL

Greve de fome

Belfast — Sete presos políticos irlandeses mantêm-se em greve de fome desde o dia 26 de outubro, no presídio de Mase, exigindo tratamento de presos políticos e o fim das humilhações de que são vítimas por parte do exército de ocupação britânico. A prolongada greve tem recebido o apoio e solidariedade de várias partes do mundo.

Uma figura exemplar

Washington — Entre os membros do gabinete do presidente eleito Ronald Reagan, uma figura destaca o caráter reacionário e de extrema direita do futuro governo dos Estados Unidos. Trata-se do general Alexander Haig, indicado para a secretaria de Estado. Haig, ex-comandante da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), celebrizou-se como um dos mais ferrenhos defensores da corrida armamentista, e foi um dos mandantes de uma conspiração para impedir a posse do presidente chileno Salvador Allende, em 1970. Além disso, está implicado no caso Watergate, um mar de lama de corrupção e escândalo.

Ofensiva guerrilheira

San Salvador — O início do ano em El Salvador foi marcado por ataques guerrilheiros em diversos pontos do país, inflingindo sérias derrotas às forças da ditadura salvadorenha. A cidade de Arcatao, a apenas 90 kms da capital, foi ocupada pelas Forças Populares de Libertação "Farabundo Marti", como mostra de sua consolidação na área. E a base de apoio da junta se estreitou ainda mais: o ex-membro da junta coronel Adolfo Majano anunciou sua adesão às forças oposicionistas, após ter sido afastado do governo por militares descontentes com sua linha considerada moderada.

Albânia: o socialismo de verdade

O controle operário

Além de controlar os destinos do país de cima para baixo, através de seu partido (o PTA) e do governo, os operários albaneses estendem seu controle de baixo para cima sobre tudo e todos.

Ninguém escapa do controle que a classe operária exerce diretamente, através de grupos de operários eleitos em assembléias, formados por comunistas e elementos sem partido, que atuam dentro e fora das empresas, em todas as instituições e no próprio PTA.

Não faz muito tempo, alguns ministérios foram alvo de duras críticas por parte do controle operário. Havia excesso de burocracia e gente demais para fazer pouco trabalho. Um grupo de operários foi visitar cada ministério, examinando toda a atividade aí exercida por um determinado período de tempo. E concluiu que suas posições tinham fundamento. O ministro da Educação, além de discordar da opinião do grupo de controle, recusou-se a tomar qualquer medida para corrigir os problemas apontados. Resultado: foi demitido. Vários funcionários que viviam passeando pelas repartições, sem função concreta, foram trabalhar na produção, onde poderiam ser mais úteis.

A classe operária tem todo controle

Este mecanismo ganhou força na Albânia a partir do exame em profundidade da experiência negativa da União Soviética. Com base nas teses leninistas sobre controle operário, os albaneses chegaram à conclusão de que uma das principais causas do retrocesso foi a burocratização do Partido e do Estado soviético. E, para evitar a todo custo que o mesmo ocorresse na Albânia, concluiram que era indispensável um controle de baixo para cima, exercido diretamente pelos operários.

Hoje este controle estende-se a todos os setores de atividade, particularmente o político, para que toda a vida do país esteja impregnada da ideologia marxista-leninista.

CLASSE OPERÁRIA POLONESA

Falta um PC autêntico

A crise da Polônia tem sido centro das atenções nos últimos meses. A combatividade da classe operária desse país é admirada pelos trabalhadores de todo o mundo, mas suas vitórias são alvo de manobras do governo revisionista e da Igreja reacionária. Sobre o país, pesa a ameaça de uma intervenção da URSS.

Após a II Guerra Mundial, quando a classe operária construía a Polônia socialista, num país devastado pelas tropas nazistas, a imprensa burguesa não publicou uma linha de solidariedade aos trabalhadores poloneses. Tentou sempre atacar e sabotar o socialismo. Hoje, essa mesma imprensa se declara preocupada com os operários da Polônia.

Os jornais burgueses mudaram de posição? Não. Continuam a denegrir o socialismo. O que mudou foi o regime da Polônia, depois que os revisionistas destruiram o Partido Comunista e restauraram o capitalismo no país, montando o palco para a atual crise polonesa.

CRISE CAPITALISTA

O resultado da traição dos chefes revisionistas tornou-se patente em 1970, quando a inflação — que havia sido eliminada com o socialismo — ressurgiu em níveis altíssimos, provocando ampla revolta entre as massas. Nos conflitos, 28 pessoas morreram, segundo dados oficiais. Mas os donos do poder foram obrigados a ceder, trocando o secretário geral do partido e chefe de governo Gomulka por Edward Gierek.

Agora, dez anos depois, como conseqüência inevitável do capitalismo, a crise se repetiu de forma ainda mais grave. O país está sufocado por uma dívida externa de 30 bilhões de dólares. A agricultura está esfacelada, exigindo a importação de 10 milhões de toneladas de cereais para este ano. O resultado foi o agravamento da luta de classes, com poderosas greves. Embora tenha agido com maior cautela, o governo foi outra vez forçado a ceder, e Gierek tomou o mesmo caminho de Gomulka, substituido por Stanislaw Kania.

Lech Walesa: a serviço da classe operária ou da Igreja?

O GOVERNO E A IGREJA

O novo governo trouxe apenas mais um elementos para a crise: os revisionistas lutam entre si, enquanto atolam o país com novas medidas capitalistas. Isso preocupa a União Soviética, que vê sua soberania ameaçada: falando em "defender o socialismo", ela colocou suas tropas em prontidão, preparando uma nova agressão armada semelhante à ocorrida na Tchecoslováquia.

Essa situação de crise é também aproveitada pela reacionária e obscurantista Igreja polonesa, que procura desviar a luta de classes para um caminho anti-socialista. Além de usar sua influência para promover líderes comprometidos com ela, como Lech Walesa, a Igreja tenta usar os "sindicatos independentes" como uma alavanca para chegar ao governo.

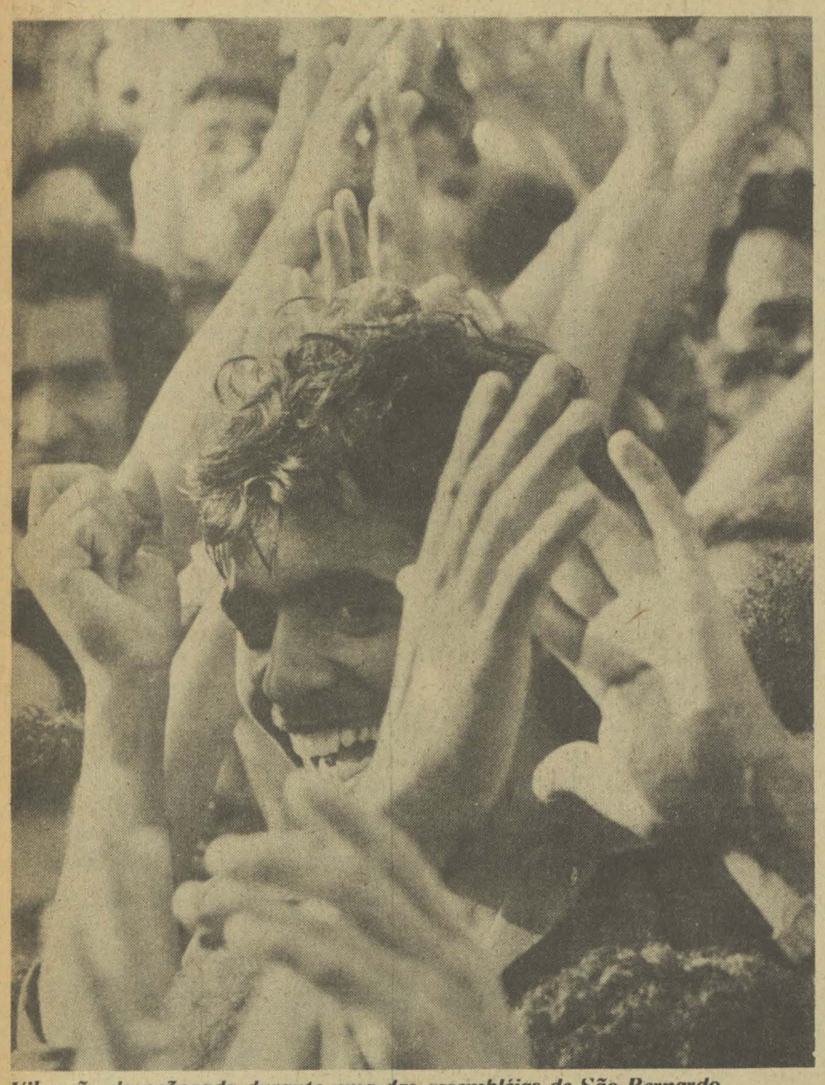
SOCIALISMO É A SOLUÇÃO

A classe operária polonesa não vai encontrar a solução da crise na Igreja reacionária e muito menos nos tanques soviéticos. A garantia de seus direitos, sua liberdade e a soberania de sua pátria estão na reconstrução do Partido Comunista, marxista-leninista, e do socialismo na Polônia. **(Rogério Lustosa)**

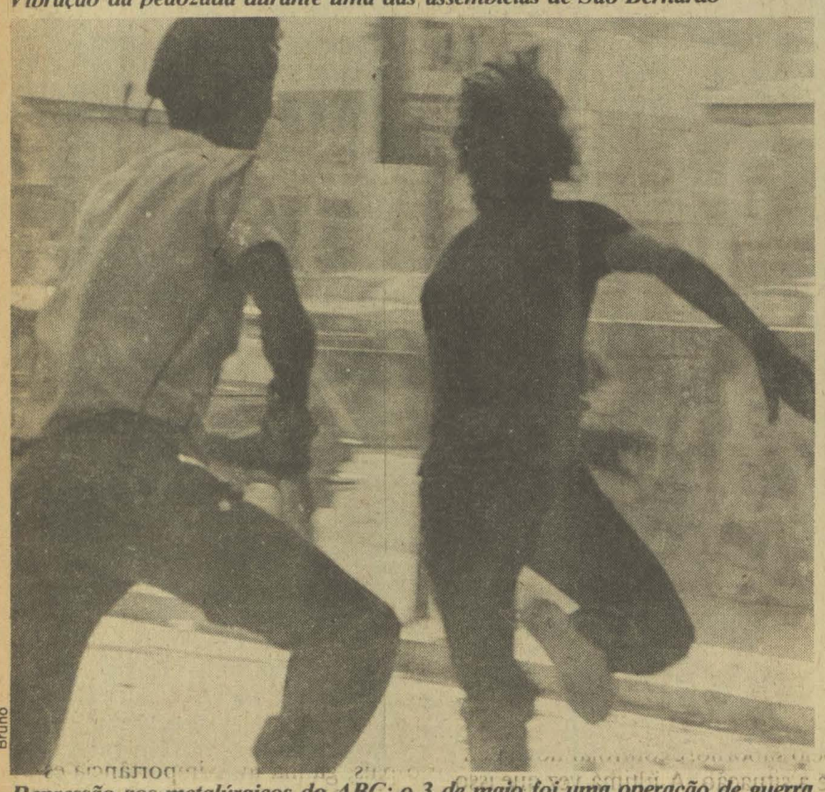
Centro de Documentação Fundação Maurício Grabois

Balanço do ano que

O fundamental em 1980: sensível progresso do movimento popular, com destaque para a classe operária. Foi o ano da grande greve do ABC e preparou uma nova explosão.



Vibração da peãozada durante uma das assembléias de São Bernardo



Bruno

Repressão aos metalúrgicos do ABC: o 3 de maio foi uma operação de guerra

A marca registrada de 1980 foi o avanço do movimento operário, popular e democrático. Prosseguiu a onda de greves e lutas que há mais de dois anos sacode o Brasil, enchendo de esperança a gente pobre e oprimida desta terra. A **Tribuna Operária** constata com alegria e orgulho que a nossa classe proletária jogou um papel de primeira grandeza nestas batalhas.

ABC FOI PONTO ALTO

Em primeiro lugar, 1980 foi o ano da grande greve do ABC, uma greve como poucas no Brasil e mesmo no Continente. Ela colocou num nível novo a luta entre o trabalho e o capital. E transformou-se num acontecimento político antiditatorial da maior importância.

Durante os 41 dias da greve, a classe operária esteve no centro do cenário nacional. Todo o Brasil foi obrigado a tomar posição diante dela. De um lado, ficaram as multinacionais do automóvel, o governo, o Exército, a Polícia, as forças paramilitares da reação. Do outro estavam os trabalhadores, o povo, todos os democratas.

GENERAIS X OPERÁRIOS

Os generais montaram uma verdadeira operação de guerra contra os metalúrgicos. Esmagar o ABC era um ponto de honra para o governo. Afinal, apesar de sua união, tenacidade, coragem, heroísmo mesmo, a greve terminou vencida pela repressão selvagem e pela fome.

Mas o Brasil depois dela não é o mesmo. Os operários e o povo têm um novo ponto de referência: fazer como no ABC, e melhor ainda!

Depois da volta ao trabalho em São Bernardo, houve uma diminuição do número de greves do proletariado fabril. A onda de paralisações deslocou-se mais para outros setores, como os assalariados agrícolas e os professores. Entre os fatores que contribuiram para isto estão a nova lei salarial, que criou bastante confusão e algumas ilusões; o forte aumento da rotatividade da mão-de-obra, que gerou certa insegurança; um maior preparo do governo e seus agentes nos sindicatos, já refeitos da surpresa causada pela onda grevista. Pesou também o sentimento, bastante difundido entre os operários, de que a greve por categoria não basta para vencer os patrões e o governo, e seria preciso partir para um movimento maior ainda que o do ABC, uma greve geral.

O ASCENSO CONTINUA

Enquanto isso, as causas que provocaram a maré grevista se aprofundaram. A taxa de exploração dos trabalhadores subiu mais, enquanto aumentava o descontentamento com o governo do general Figueiredo. E o próprio ascenso do movimento de massas continuou. No caso particular do proletariado fabril, a acumulação de forças prosseguiu sob outras formas, por exemplo o avanço das correntes mais combativas dentro dos sindicatos. E influiu, inclusive, no resultado de muitas campanhas salariais que não desembocaram em greves.

Uma fase de ascenso das lutas de classe não avança em linha reta. Salvo raríssimas exceções, o ascenso se verifica em zig-zag, com momentos de explosão e outros de relativa calmaria, que preparam confrontos ainda mais agudos. Foi o que aconteceu nas fábricas em 1980.

Vânia Coimbra

1.º de Maio em São Bernardo: o povo vitorioso deixa a praça rumo ao estádio

L.C. Leite

Cena do dia nacional de luta pela Constituinte livre e soberana (S. Paulo)

METALÚRGICOS DO ABC

A greve de 41 dias que marcou o ano

A paralisação começou dia 1º de abril e espalhou-se pelos metalúrgicos de 20 cidades. Mas só em São Bernardo houve preparação a sério, com muita sindicalização e 236 reuniões por fábrica. Aí, e nas virtudes dos operários da grande indústria, esteve o segredo da força de São Bernardo.

Nas duas primeiras semanas, houve relativa calma. Mas não houve toda a mobilização possível e necessária para preparar as batalhas que viriam. Um certo defensismo facilitou a contra-ofensiva do regime. Dia 18 veio a intervenção no sindicato, 19 a prisão de Lula e mais 11 líderes, 20 a proibição das assembléias no Estádio de Vila Euclides. A greve, porém, continuou.

VITÓRIA NO 1º DE MAIO

Junto com a repressão, redobrou também a solidariedade, até chegar num nível **nunca** visto. A greve politizou-se e passou a simbolizar a esperança do povo. Foi o que o 1º de Maio mostrou.

São Bernardo naquele dia amanheceu tomado pela polícia. Na medida em que a multidão enchia a Praça da Matriz, começaram as provocações, as bombas, espancamentos. Mas os trabalhadores não arredaram pé e terminaram vencendo, reconquistando o Estádio para a manifestação. Foi um 1.º de Maio como poucos, uma festa proletária de verdade.

AMOR FICOU NA PORTA

Mas logo no dia 3 a repressão piorou. Foi um dia inteiro de enfrentamentos com a polícia. E ficou claro que o governo Figueiredo apostara tudo do lado das multis, contra a greve.

Uma parte dos operários começou a voltar ao trabalho. No dia 11, uma assembléia na Matriz de São Bernardo, cheia de raiva impotente, votou pelo retorno ao trabalho. Porém a lição valeu. "Quando entrarem na fábrica, deixem o amor na porta" — foi a recomendação de Vagner, um dos oradores do dia.

Os assalariados agrícolas partiram para as primeiras grandes greves. Uma força destinada a mudar o panorama da luta de classes em favor dos explorados pelo capital.

O outro acontecimento de 1980 destinado a se projetar no futuro foi o despertar dos assalariados agrícolas: o primeiro dissídio coletivo dos bóias-frias paranaenses; as greves dos catadores de café de Conquista (BA), dos cortadores de cana de Passos (MG); e a grande greve que em outubro pôs fogo nos canaviais de Pernambuco (veja o box nesta página).

IRMÃOS DE CLASSE

Estes assalariados hoje contam-se aos milhões e estão espalhados por uma boa parte do interior brasileiro.

Para os operários das cidades, eles são bem mais que aliados, são irmãos de classe, a parte mais jovem e mais sofrida do proletariado. Devido à pouca organização, à inexperiência, ao trabalho embrutecedor e muitas vezes errante, têm mais dificuldades que seus companheiros das cidades. A maioria ainda se deixa espoliar passivamente pelos fazendeiros e **gatos**. Mas em 1980 esta realidade começou a mudar.

É certo que foi apenas o começo. Mas foi o começo de alguma coisa muito importante, destinada a mudar o quadro da luta de classes, no campo e no Brasil em geral, reforçando o bloco dos que combatem a exploração capitalista.

Junto com as greves, brotaram as primeiras sementes de uma nova consciência de classe.

"QUEREMOS A USINA!"

Ao lado das reivindicações de melhores salários e condições de trabalho decentes, apareceram exigências de uma nova ordem social. "Nós queremos é a usina!" — disse um grevista pernambucano. Os sindicatos se fortaleceram e iniciou-se o bota-fora dos pelegos também ali. Onde já havia uma tradição de luta maior, como na Zona da Mata nordestina, aconteceu um renascimento.

Professores e outros setores profissionais intermediários foram à greve com uma intensidade fora do comum para responder ao massacre dos seus salários.

O movimento grevista arrastou também outros setores assalariados. Os professores da rede de ensino público, principalmente, viveram uma seqüência de lutas fora do comum. Massacrados por uma política salarial que lhes nega o direito aos reajustes semestrais, eles fizeram greves desde o primeiro ciclo até o nível universitário e do Acre ao Rio Grande do Sul. No final do ano, uma greve nacional dos professores das universidades federais concluiu o ciclo com fecho de ouro, alcançando uma vitória parcial, mas expressiva.

Houve igualmente muitas greves de médicos residentes, denunciando a crise aguda do sistema de saúde com o mesmo vigor com que os professores apontaram a falência do sistema educacional.

ESTUDANTES A POSTOS

Três fatos marcaram o ano no movimento universitário. Primeiro, uma ampliação considerável das lutas, sobretudo por mais verbas para a educação e contra os aumentos abusivos das anuidades, refletindo o anseio por uma saída democrática para a situação calamitosa que o regime militar criou na Universidade. Depois, o coroamento dessas lutas parciais numa greve geral nacional de três dias, com a participação de mais de um milhão de estudantes. E por fim, o Congresso da UNE, que teve suas resoluções confirmadas em seguida pela eleição direta da diretoria da entidade, consagrando as posições mais coerentes dentro do movimento estudantil.

SECUNDARISTAS TAMBÉM

No movimento secundarista, 1980 deixou um saldo de incontáveis lutas e reorganização de várias entidades. A unificação no plano nacional não avançou como se esperava, prejudicada por interesses grupistas, mas há a expectativa de uma rápida superação dessa mentalidade.

Visto no seu conjunto, o movimento estudantil dá a impressão de estar na véspera de um avanço qualitativo. Ao começar o Ano Novo, os estudantes estão a postos, prontos para cumprir seu importante papel no movimento popular democrático, com a mesma garra que mostraram em 1968, 1977 e tantas outras ocasiões.

Valdir Afonso

Assembléia de cortadores de cana pernambucanos delibera sobre a greve que valeu como um renascimento

ASSALARIADOS RURAIS

Na greve da cana o gosto doce da vitória

Na Zona da Mata pernambucana não há leis trabalhistas, há apenas a lei dos usineiros, herdada dos senhores de escravos. Mas este ano falou mais alto a lei do trabalhador, imposta numa greve que uniu 42 sindicatos e paralisou 250 mil cortadores.

Foram dois dias de paralisação em que os cortadores de cana **fixados** (com carteira assinada) e **clandestinos** (volantes) tiveram que enfrentar a violência de um dos setores mais ferozes das classes dominantes brasileiras.

No terceiro dia veio a vitória. Vitória parcial, é verdade, mas de grande significação dentro das condições em que foi obtida: na primeira greve geral da categoria desde 1963. No acordo conseguido, ficou assegurada uma gleba de 2 hectares para cada trabalhador cultivar para si. O mesmo para os delegados sindicais em cada engenho. Uma conquista importante foi a balança aferida pelo Instituto de Pesos e Medidas, para acabar com a roubalheira na pesagem da cana.

A unidade dos canavieiros em torno do sindicato e dos sindicatos em torno da Fetape (Federação estadual) funcionou. Inclusive algumas diretorias pelegas terminaram arrastadas pela maré grevista, sob a vigilância severa da categoria.

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Mauricio Grabois

balançou o governo

Os camponeses em 1980 combateram em três frentes principais: a dos posseiros do Norte, a dos pequenos proprietários do Sul; a do Sertão flagelado pela sec.a

A luta dos camponeses pela terra e por seus direitos também cresceu bastante, em extensão e em profundidade. Ao longo de 1980, ela se desenvolveu em pelo menos três grandes "frentes" mais ou menos autônomas: a dos posseiros, a dos pequenos proprietários do Sul e a do Sertão nordestino, atingido pela seca.

ARMAS CONTRA O GRILO

O choque entre posseiros e grileiros teve seu centro nos Estados do Pará, Maranhão, Goiás e Mato Grosso. Mas se estendeu um pouco por todo o Brasil, até bem perto de cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo.

Os ambiciosos grileiros redobraram de violência e chegaram até a formar exércitos de pistoleiros para expulsar camponeses. Em resposta, os camponeses tiveram que se organizar de armas nas mãos para defender a terra. Somente na área de Conceição do Araguaia, no Sul do Pará, essa guerra pela terra fez 14 baixas fatais em 1980: um posseiro, o "Gringo", líder muito querido na região, e os outros 13 pistoleiros ou grileiros.

A REVOLTA DO SUL

A segunda "frente" localizou-se no Oeste do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ali vive uma numerosa camada de pequenos e médios burgueses rurais, que o governo está esmagando com seus impostos, preços mínimos insuficientes, crédito escasso e difícil.

A resistência explodiu primeiro na revolta da soja, um protesto impressionante, que estragou o aniversário do golpe de 1964, e terminou obrigando o arrogante Delfim Netto a um recuo. Depois vieram mobilizações como as dos cultivadores de uva e da região de Santa Helena (PR). No fim do ano levantaram-se os suinocultores, e até o Exército foi chamado a intervir. O resultado foi que essa camada de proprietários, que antes apoiava o governo, passou para a oposição.

SECA TAMBÉM DÁ PROTESTO

O Nordeste flagelado pela seca foi o palco de outro movimento de resistência camponesa. Manifestações de até 10 mil camponeses agitaram o Sertão, protestando contra o descaso do governo, o fracassado plano de "emergência", e pedindo reforma agrária. Levas de flagelados invadiram cidades e saquearam feiras. Quando Figueiredo esteve no Nordeste, em novembro, um rico fazendeiro perguntou-lhe o que fazer "quando isto aqui explodir".

Outro fruto de 1980, foi a dinamização do sindicalismo rural, ressaltando-se a luta para retomar o Sindicato de Conceição do Araguaia, os encontros camponeses da Contag, no Pará e do Maranhão.

Assembléia de lavradores em Ijuí (RS), durante o "rebelião da soja"

José Feitosa

Cena do sertão nordestino torturado pela seca

Posseiros do Sul do Pará: dispostos a defender a terra, custe o que custar

Dois pontos fracos do lado do povo: a unidade a organização ainda não chegaram no ponto. A bandeira da Constituinte pode colaborar bastante para sanar o problema.

Naturalmente, dizer que as lutas do povo avançaram em 1980, enquanto os generais andaram de fracasso em fracasso, não teria sentido se não se falasse também dos pontos fracos do movimento operário e popular. Afinal, na história do Brasil, já houve outros períodos de grande movimentação social e política, muitas greves etc. E no entanto a reação até hoje sempre conseguiu recompor-se, retomar a ofensiva, esmagar este ou aquele movimento, pela força ou pelo suborno, e controlar novamente a situação. A última vez que isso ocorreu foi em 1964, e as conseqüências para o povo foram trágicas.

UNIDADE, ORGANIZAÇÃO

No balanço de 1980, as fraquezas do movimento operário, popular e democrático residiram, em primeiro lugar, na falta de unidade e organização suficientes.

Nos momentos de pique da luta, como a greve do ABC, isso ficou mais claro. Por que o apoio aos grevistas não alcançou os níveis ainda mais elevados que se faziam necessários? Por que não houve, por exemplo, greves de solidariedade? Quem acompanhou o estado de espírito do povo sabe que vontade não faltava. Faltou unidade e organização. O quadro sindical, ainda infestado de pelegos, não mudou com a velocidade desejada, pelos mesmos motivos.

PAPEL DA CONSTITUINTE

Neste quadro, o lançamento da campanha de massas pela convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana, ocorrido no dia 15 de novembro em todo o país, ganha uma importância especial. Não porque ali tenha se alcançado a unidade e organização suficientes. Mas porque muito se pode fazer neste sentido sob a bandeira da Constituinte.

Deu-se ali o primeiro passo de um movimento que tem tudo para contagiar o país. Para unir na luta os mais vastos setores da oposição. Para transformar em ação organizada o sentimento antigovernista da maioria dos brasileiros. Para canalizar todas as lutas num só sentido, até arredar do caminho o governo Figueiredo e colocar no lugar dele um governo da democracia e do povo.

Foi o ano do fracasso da "abertura", ano de crescimento da oposição e desintegração do PDS. O governo saiu-se mal na política assim como na economia.

Se a marca fundamental do ano foi o avanço do movimento operário, popular e democrático, é preciso ver também o outro lado da moeda. Em 1980, o regime militar sofreu derrotas sobre derrotas, mais que nos anos anteriores.

Os fracassos da política econômica são conhecidos. Delfim Netto prometeu uma inflação de 45% e deu 115%. Disse que haveria equilíbrio entre as importações e as exportações, mas houve um buraco de 3 bilhões de dólares. As reservas de divisas do país caíram tanto que só dão para cobrir três meses de importações. O próprio Figueiredo admitiu que os brasileiros trabalham hoje apenas para pagar a dívida externa. E os banqueiros americanos querem agora amarrar-nos ao FMI, o que significaria uma recolonização na prática.

ABERTURA DEU EM FIASCO

O fracasso político do governo não foi menor. Ele tinha todo um plano, a "abertura", para tentar consolidar-se: dividir a oposição; atrair sua parte mais moderada; isolar a ala mais comprometida com o povo; e institucionalizar o regime sob nova forma.

Ocorre que os planos eram uma coisa e a realidade foi outra. Hoje já se pode dizer que a "abertura" fracassou, na sua concepção e nos seus fins, sem dar fruto nenhum para o governo.

QUEM MINGUOU FOI O PDS

Hoje a oposição não atua mais sob uma só legenda. Mas o PMDB se fortaleceu em 1980 e sua Tendência Popular ganhou espaço. Outro partido que cresceu foi o PP, que ficou com os dissidentes do campo governista. As outras legendas de oposição não alcançaram maior expressividade. Mas quem se dividiu mesmo foi o PDS: mostrou que não passa de uma Arena em desintegração.

Hoje o PDS não garante nem sua maioria biônica no Congresso. Durante todo o ano o governo suou frio, cada vez que teve de votar no Parlamento, projetos como a Lei dos Estrangeiros, a Reforma Salarial, o adiamento das eleições municipais, a emenda das prerrogativas do Congresso. Várias vezes, para se garantir, teve de apelar para o truque sujo do decurso de prazo.

...sso da UNE em Piracicaba

...a de professores em contida pela PM diante do palácio do governo do Paraná

PARTICIPAÇÃO FEMININA

Nunca houve tantas mulheres na luta

A participação das mulheres nas lutas de 1980 merece uma menção especial. Elas empunharam a bandeira da sua própria emancipação, no Congresso da Mulher Paulista, no Encontro das Mulheres de Conceição do Araguaia e muitas outras iniciativas com o mesmo sentido. E isto foi importante. Mais importante ainda foi a presença crescente das mulheres, ombro a ombro com os homens, nos movimentos operários, camponeses e populares em geral. É por aí, na prática, que a emancipação se dá.

O valor desse avanço fica mais realçado quando se leva em conta a massa enorme de barreiras e preconceitos que ele teve que vencer. Ele foi um dos indícios mais claros de como a necessidade de lutar por dias melhores está se enraizando no povo.

Vânia Coimbra

Passeata das mulheres do ABC

Na cúpula do regime militar, mandando em tudo, está a "Gang do Planalto", um grupo ultra-fechado. Este monopólio do poder foi um dos fatores que mais isolaram o governo.

Falharam as tentativas de atrair fatias da oposição para o governo. Figueiredo diz que passou o ano de mão estendida, porém o fato é que ninguém caiu na armadilha de ir apertá-la. E isto tem muito a ver com o monopólio do poder político que existe atualmente. Certos oposicionistas se disporiam a negociar com o governo, mas desde que também pudessem ter assento na mesa das decisões. A ficar de fora, preferem que seja na oposição.

A GANG MANDA SOZINHA

Acontece que a mesa dos donos do poder hoje tem pouquíssimos assentos, todos já reservados. Só senta alí o grupo conhecido como "a Gang do Planalto": uns tantos generais — Figueiredo, Golbery, Venturini, Medeiros —, o capitão Heitor de Aquino e mais algum penetra à paisana do tipo do Delfim Netto.

Essa gang mandou e desmandou no país durante o ano, e pretende continuar mandando. Foi afastando sem maiores cerimônias os ministros menos obedientes — Rischbieter, Eduardo Portella, Farhat. Resolveu também impor o servil Nelson Marchezan para a presidência da Câmara dos Deputados, criando tantos descontentamentos que o PDS pode rachar de vez.

Quando mais se sucediam as crises, quanto mais o governo se desgastava, mais a gang se aferrou às alavancas do poder político.

Um regime assim fechado só se sustenta apoiado na força militar.

Nos últimos dias do ano, Figueiredo tratou de voltar-se mais para as Forças Armadas.

APOIO NAS BAIONETAS

Discursando para o Alto Comando das três armas, ele disse que lugar de militar é no quartel. Isto porém não quer dizer deixar a condução do país com os políticos. Tanto assim que no mesmo discurso Figueiredo sublinhou sua condição de milico. A preocupação é calar qualquer voz descontente dentro das Forças Armadas.

E o recado nem foi para a ala mais fascista, comprometida nos atos de terror que ensanguentaram o país.

Esta ala também se deu mal, diante da repulsa geral a seus crimes, e teve que voltar atrás. A advertência de Figueiredo foi para os militares que se disponham a praticar o diálogo com a oposição.

UM PONTO FRACO

O monopólio do poder é em grande parte o ponto débil do regime militar. Ao lado da crise do modelo econômico atual, ele foi o responsável pela deterioração das posições e planos do governo Figueiredo. Além do povo, vastos setores das classes dominantes estão interessados em quebrar este monopólio, e por isso atuam na oposição.

Manifestação em Porto Alegre contra a visita do ditador argentino

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Mais apoio às lutas dos outros povos

A campanha de opinião pública contra a Lei dos Estrangeiros e a criação do Comitê Brasileiro de Solidariedade, os protestos contra a visita do carrasco argentino Rafael Videla a São Paulo e Porto Alegre, a calorosa acolhida dispensada no início do ano a uma delegação da Nicarágua recém-libertada assinalaram em 1980 um começo de preocupação efetiva com as lutas que se travam além das nossas fronteiras.

É toda uma frente de atividade que se abre e exige toda atenção. Por sermos um país extenso e populoso, caímos às vezes na ilusão de que a luta pelo socialismo brasileiro pode bastar-se a si mesma, desenvolvendo-se até a vitória sem buscar aliados no plano internacional. É falso. O Cone Sul, por exemplo (Argentina, Chile, Uruguai, Brasil, Paraguai e Bolívia) forma uma frente comum de combate antifascista e antiimperialista. E os povos da região, inclusive o brasileiro, ganhariam imensamente com um maior estreitamento dos seus laços de apoio mútuo.

DEVER DOS OPERÁRIOS

Os operários, em especial, teriam um importante papel neste sentido, pois a classe operária é uma só em todo o mundo, sofrendo, muitas vezes, o jugo dos mesmos patrões. Uma maior presença operária nas ações de solidariedade daria a elas uma dimensão mais profunda, de manifestações de internacionalismo proletário.

Centro de Documentação e Memória Fundação Perseu Abramo

"Fala o Povo" vem recebendo um número crescente de cartas. No entanto, poucas mulheres escrevem ainda para nosso jornal. Trabalhadora, dona-de-casa, estudante, escreva para nós. Consideramos muito importante saber o que as mulheres pensam de nosso jornal e quais são os maiores problemas que enfrentam no seu dia-a-dia. Abrimos nossa seção para que vocês se pronunciem. Afinal, as mulheres representam mais de 50% da população e precisamos chegar até elas! E uma das formas de conseguirmos isso é transmitindo as preocupações das companheiras, suas idéias e suas opiniões. Escrevam! **(Olívia Rangel)**

OPERÁRIOS DA REIFOR - PR

Cansaço da injustiça

Os funcionários da fábrica de acumuladores Reifor, cansados de tanta promessa, resolveram diminuir a produção se a fábrica não aumentar o salário. Como podemos aceitar se no ano inteiro o reajuste salarial foi só no mês de outubro? Nós funcionários, sabemos e não aceitamos. Fomos falar com os chefes de seções que se não dessem o reajuste tudo poderia acontecer.

Os chefes, notando o que poderia acontecer, programaram uma reunião. Nisso, o sr. Gerson — o mal querido do departamento de pessoal — disse que a fábrica adiantava a metade do 13º salário e o reajuste só em dezembro. Não aceitamos porque seríamos mais uma vez vencidos pelos patrões. O sr. Gerson Joaquim da Silva disse que a fábrica dava 20% no mês de novembro e não em outubro. Prometeram mas só deram 17,4%.

Que a fábrica cumpra o que prometeu, porque nós estamos cansados de ver tanta injustiça. Tanta que tiraram o ônibus de uma meia dúzia de operários. Até a fábrica são 12 km, pela rodoviária, faça chuva ou sol. Quando um operário entra no escritório e pede 150 cruzeiros para comprar remédio para um de seus filhos a resposta é **não.**

Não temos também um carro para nos atender em caso de acidente. Por exemplo, um dos funcionários quebrou um dedo e não teve carro para levá-lo para o hospital. Um rapaz acidentado esperou 48 minutos para ser levado até o hospital. O rapaz do departamento de pessoal deu dinheiro para ele tomar o coletivo até sua casa.

O que queremos não é luxo, porque nossas mãos e roupas estão cheias de óleo e graxa. Também pedimos uma enfermaria. Se um trabalhador precisa de um melhoral não tem.

Um ex-funcionário procurou um médico e este deu uma receita de 7 mil cruzeiros. Ele faltou alguns dias no trabalho e o sr. Gerson recolheu sua carteira e disse que daria suspensão para ele, até ele pedir a conta. **(Um funcionário da Reifor — Londrina, PR)**

CAMPANHA ELEITORAL DOS RODOVIÁRIOS - RJ

Pelego agride oposição

Sou leitor assíduo de sua seção. Quero mediante esta denunciar um flagrante para mim presenciado no dia 27 de novembro em frente ao sindicato dos rodoviários.

Vi o senhor Manoel da Silveira Rocha agredir um componente da Chapa 4, com palavras de baixo calão, que afetavam sua moral. Logo em seguida, ele mandava seus capangas agarrarem o rapaz e linchá-lo. Graças à interferência de outras pessoas, possivelmente amigos do rapaz, não foi possível o linchamento.

Neste exato momento chegou um outro rapaz, que se dizia fiscal da Chapa 4. Ele foi dizendo que tinha sido agredido, arrancado do carro que conduzia uma urna, o qual ele tinha sido designado para acompanhar. Foi agredido pelo sr. Manoel da Silveira Rocha, que de arma em punho obrigou-o a deixar o veículo e ir à pé.

Eu, Valmir da Silva, componente da Chapa 4, na posição de suplente da diretoria, venho mediante este manifesto acusar o sr. Manoel Rocha, atual presidente do nosso sindicato, de várias arbitrariedades. No dia 26 de novembro, nas eleições, fui agredido física e moralmente.

Companheiros: o homem está maluco, agredindo todos os componentes da chapa! Todos sabem que o atual presidente está há 9 anos no cargo e nada fez, a não ser o jogo do patrão. Agora que a turma resolveu acabar com o jogo do patrão, ele fica doido. Saca a arma e diz: "Vote em mim, senão eu te mato!" **(Valmir da Silva — São Gonçalo, RJ)**

LAVRADOR DE VECKKI - RJ

Preciso colher o que plantei

Eu, como lavrador, tomei posse de uma terra abandonada e, depois de algum tempo trabalhando nela, apareceu um tenente da polícia, o Amauri (representante do Incra) e pediu para eu me retirar. Eu dei uma pausa e agora novamente me ranchei lá dentro. Estou desesperado pois preciso colher o que plantei para a minha vivência, porém não sei como vai ficar minha situação. **(Um lavrador do Veckki — Cachoeira de Macacu — RJ)**

POESIA SOBRE MUDANÇA NO MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO

Mais três estrelas em nossa constelação

Numa tarde de verão
no inverno, céu de anil
surgiram mais três estrelas
prá influenciar o Brasil

Elas vieram brilhar
no escuro ministério
que nem dinheiro tinha
prá pagar o magistério

Já vimos noutras nações
um astro ser presidente
mas em constelação
o Brasil vai muito à frente.

E o coitado do Portela
que pensava ser o tal
se quiser aparecer
tem que ser no carnaval.
(Uma funcionária da FMG — Belo Horizonte, MG)

OPERÁRIOS DA FERROVIA DO AÇO - MG

Ferrovia da amargura

Volto a falar sobre a Ferrovia do Aço em Bom Jardim de Minas. A barbárie do nosso regime corrupto se faz refletir nesta cidade.

Essa tal de Mendes Júnior (corrupta como o nosso João), me dá náuseas de ver suas barbaridades. Essa companhia, que oferece alojamento no canteiro de obras de Bom Jardim, oferece também no meio destes, a casa de prostituição. Como os alojamentos se situam longe das cidades (como já foi planejado) e sem condução para a mesma, os peões estravazam a amargura do trabalho nos túneis nestas casas mantidas pela Mendes Jr., onde se compra uma cerveja a 100 cruzeiros e fora os tóxicos que alí rolam, tudo sobre o controle da Mendes Jr.

Alí o peão é explorado até o último níquel de seu mísero salário. Mortes e facadas já foram presenciadas nesses ambientes "saudáveis" que a Mendes Jr. oferece. Enquanto isso acontece, os Patrões da Ferrovia enchem seus bolsos com seus ordenados e os subornos. Subornam determinados operários para apresentar uma produção irreal, pois a Engefer (Engenharia Ferroviária) paga às empreiteiras por produção. E os subornados ganham um décimo do dinheiro que vai para o bolso dos que subornam, que são os encarregados, engenheiros, etc.

Enquanto eles enchem seus cofres, o operário, o peão, se mata de trabalhar, sem aparelhos de proteção nos túneis, recebendo no rosto o concreto, poeira, aditivo. Por isso temos de gritar, abaixo o capitalismo, abaixo Figueiredo e Golbery!

O motorista que despenca pela ribanceira com o caminhão, pois a estrada é de acesso ultra-perigoso, é mandado embora por justa causa, quando não morre. E o que fica doente e não recorre ao médico da Mendes, e vai ao INPS, entra também na justa causa.

É o fim do absurdo, não tem mais para onde explorar. Isto é a Ferrovia do Aço. Por isso eu peço a vocês da **Tribuna** que publiquem isso, que dêem um apoio a esse povo da Ferrovia, para que eles saibam que existe gente lutando. Eu também me encarreguei da divulgação do jornal neste canteiro de obras. **(Um operário da ferrovia — Bom Jardim, MG)**

TRABALHADORES RURAIS DE CAPELINHA - MG

Por melhores dias

Os trabalhadores rurais de Capelinha, depois da conquista de fundarem seu sindicato, vêm tendo muitos problemas com os donos da cidade. Estes, depois de verem os trabalhadores rurais se organizarem, começaram a pressionar de todas as maneiras. A princípio, tentaram expulsar os agregados e meeiros das terras.

Em Grota Grande, por exemplo, o fazendeiro Francisco Miranda tentou expulsar 13 famílias de suas terras, para plantar mais capim para seus bois. E a maioria dessas famílias moravam nesta fazenda há 13 anos.

O advogado do sindicato entrou com pedido de anulação e os meeiros permaneceram nas terras. Em outros locais os fazendeiros não estão deixando os agregados plantarem suas roças. Além disso, utilizam a infâmia de dizer que o grupo que ajudou a fundar o sindicato só tem subversivos, comunistas e agitadores.

Na Vila dos Anjos a Construtora Mendes Júnior, que roubou a maioria das terras deste povoado, não paga aos seus dois mil bóias-frias de acordo com seus direitos. A Mendes Júnior explora a plantação de café. E no povoado onde a maioria tinha seu pedaço de terra, hoje são todos bóias-frias. Mas os trabalhadores da Vila não dão o braço a torcer pro patrão e já fundaram sua delegacia sindical.

Os camponeses de Capelinha sabem que para alcançar a liberdade precisam de união para a luta e lutam sem medo, porque sabem que melhores dias exigem esforços. **(Um amigo da TO em Capelinha, MG)**

MORADOR DE VIÇOSA - MG

Salário atrás dos preços

Solicito um apoio ao governador do Estado, sr. Francelino Pereira, para nós, moradores de Viçosa, mas este talvez não seja atendido.

Os preços das mercadorias aumentam dia a dia, mas o salário não acompanha e quando o salário sobe um pouquinho, o preço das mercadorias sobe o dobro.

Além disso, na minha opinião e na do povo de Viçosa, achamos que deveria haver uma firma que desse emprego para as pessoas mais idosas e de menos recursos financeiros. Deveria também haver uma nova tabela, diminuindo os preços das mercadorias. O povo rico, que deveria dar maior apoio aos pobres, é o que menos se interessa por eles. O progresso da cidade é festas e futebol e os de menos recursos que se virem. Têm a coragem de gastar uma boa quantia numa festa, mas não ajudam o pobre nem com emprego.

Em segundo lugar, também desejo falar sobre o problema de água no bairro em que resido, bairro Sagrado Coração de Jesus. Há mais de 20 anos foi prometido pelos prefeitos colocar água no bairro e até hoje nada fizeram. Quero dizer aos companheiros que o que acho mais importante é a união do povo, poque só mesmo assim o povo poderá receber o que necessita. **(Velho morador de Viçosa, MG)**

OPINIÃO DE LEITOR - BA

Luxo e miséria se misturam em Salvador

"Continuando com sua programação gastronômica, o Meridien abriu as portas do Regine's desde a última quinta-feira para apresentar um festival de cozinha tradicional marroquina". Prezados companheiros: este trecho foi extraído de uma coluna social, do **Jornal da Bahia**, de 21/10, e espelha muito bem os níveis de cinismo a que atingiu a burguesia de nosso país, que continua a sugar dia a dia o sangue e suor do proletariado brasileiro.

Acontece que enquanto a burguesia do Bahia se distraía nesse tal de festival, os gêneros de primeira necessidade atingiam marcas nunca vistas. O feijão chegando a Cr$ 130,00. A farinha custando Cr$ 60,00 o kg. A carne já está a Cr$ 195,00. Alastra-se a miséria. O povo padece nas filas do INPS, e o famigerado Antônio Carlos Magalhães continua a se enriquecer e à sua família às custas do povo trabalhador. Sei que esta situação se repete em todo o Brasil, e que para modificá-la é necessário organizar o povo: em comitês de bairro, nas associações de classe, nos sindicatos, enfim nas suas bases.

Quero aproveitar a oportunidade para parabenizar os companheiros pelo primeiro aniversário deste combativo jornal, posto à serviço da classe operária e seus aliados mais conseqüentes e determinados. **(M.N. — Salvador BA)**

MORADORES DE VIÇOSA - MG

OPERÁRIOS DA MARCO POLO - RS

Sindicatos para a luta

Em uma entrevista à **Tribuna Operária,** os companheiros da Marco Polo denunciaram as arbitrariedades dos patrões dentro da firma ocorridas no fim do mês de outubro, quando o supervisor e o engenheiro chamaram parte de uma secção, de mais ou menos 12 operários, para conversar. Os representantes do patrão foram direto ao assunto: "queremos mais produção, temos que produzir o máximo para enriquecer o patrão". Aí os operários reclamaram que se fossem melhor pagos não haveria galho. Os chefes, irritados e sem saída, responderam dizendo: "tropa de vagabundos, vadios, ladrões e sem vergonhas".

Ofendidos, tratados como escravos pelos patrões, magoados e revoltados, uns pensaram em ir ao sindicato para ver o que poderiam fazer nessa situação, e outros ficaram com medo de depois serem entregues para o patrão. Depois de um grande período de repressão e peleguismo, a gente desconfia até de nossa entidade de classe. Mas não podemos ir nessa onda, precisamos participar mais do nosso sindicato, fortalecendo-o, democratizando-o e fazendo ele desempenhar seu verdadeiro papel de defensor da classe operária. **Os sindicatos são os maiores instrumentos de luta da classe operária.**

Apavorados com a crise do governo, dos patrões e das multinacionais, devendo quase 70 bilhões de dólares para os exploradores estrangeiros, eles apertam a política de arrocho salarial do governo que cada dia exige mais sacrifícios dos trabalhadores. **(um grupo de operários amigos da TO na Marco Polo — Caxias do Sul, RS)**

LUTA CONTRA O RACISMO - SC

Em defesa do negro

A Sociedade Cultural Antonieta de Barros, de Florianópolis, nasceu há 4 meses, com o trabalho de 10 negros e mestiços que encaminham a Associação para o objetivo de conscientizar a população oprimida, principalmente a que sofre o racismo, do porquê da marginalização e discriminação, das péssimas condições de vida etc. E terá como atividade principal a cultura e o trabalho de base.

O movimento que decorreu a nível nacional em 20 de novembro, consagrado como Dia Nacional da Consciência Negra no Brasil, contou com nossa participação. Fomos às ruas nos manifestar no ato público realizado no Calçadão às 17:30 hs., que organizamos. Por força da repressão do governo, entidades culturais como escolas de samba e grupos folclóricos de nossa cidade não puderam participar ativamente, pois se o fizessem seriam prejudicados no que tange à minguada ajuda financeira que recebem na época de suas apresentações.

O mais importante é o resultado deste ato, que foi altamente positivo para nós. Conseguimos denunciar a opressão que é imposta ao negro e ao mestiço na sociedade brasileira e particularmente em Santa Catarina. Isso através de nossas próprias falações e dos pronunciamentos de representantes dos movimentos de bairros (Morro do Mocotó e Morro do Céu), partidos políticos de oposição e do DCE. Contamos no final com a adesão de mais 16 companheiros.

Um fato relevante a ser mencionado é a detenção, pela polícia civil, de cinco companheiros que colavam cartazes e faixas nas ruas, dois dias antes da realização do ato público. **(J.A.C. — Membro da Sociedade — Florianópolis, SC)**

MORADORES DE PERIFERIA - RS

Sem ônibus, sem troco e conforto

Na nossa Vila Tijuca, em Alvorada, sofremos muito com o problema dos ônibus. A empresa Soul, encarregada das linhas Tijuca e Vila Elza, vem nos explorando com preços exorbitantes e nas horas de pique eles só largam ônibus executivo cujas passagens são bem mais caras. Como se não bastasse quase nunca recebemos o troco, os cobradores dizem que a empresa não fornece. No fim do mês, fazendo as contas, isso vai dar uma boa parte do nosso salário. Lá na vila quase todo mundo recebe salário mínimo.

Além disso os ônibus que chegam até a vila são muito poucos. Nos fins de semana é um sacrifício e quando se consegue e sempre superlotado, vai todo mundo amontoado. **(Um morador da Vila Tijuca, leitor da TO — Alvorada, RS)**

A O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO FALA O POVO

SITUAÇÃO DO POVO DE AMARGOSA - BA

Precisamos lutar por nossos direitos

Denunciamos que no Brasil 9 milhões de crianças passam fome. A cada dez minutos uma criança morre sem alimentação e sem atendimento médico. De cada cem crianças que nascem, dez vêm a falecer antes de completar 1 ano. 60 milhões de brasileiros ganham menos de um salário mínimo. O INPS arrecadou 200 milhões de cruzeiros este ano, dinheiro extraído dos salários dos trabalhadores.

Mas, com um passar de olhos pelos bairros pobres da cidade (Amargosa), como seja Santa Rita, Quebra Viola, Katiara, Curva da Raposa, Manoel Morais, rua do Fogo e outros, vê-se claramente que este órgão não atende às necessidades da população.

Outra injustiça é a aceleração da alta do custo de vida. Sem nenhum respeito os preços se modificam todos os dias, atentando contra a bolsa do povo pobre. Vamos começar pela gasolina, cada vez que altera o preço o pobre é quem paga. A carne de boi, esta, já se ausentou da mesa do pobre. E o leite também. Os aluguéis, pobre não pode mais enfrentar. O desemprego reina. O açúcar, o café o arroz e o feijão, que o pobre tem que usar obrigatoriamente todos os dias. estão pela hora da morte. O querosene e o gás de cozinha nem se fala. A energia elétrica sobe sem limite.

Amargoenses! Ou nós tomamos consciência dos nossos direitos ou vamos passar por horas muito mais amargas. Os homens que nos governam são impiedosos, não têm nenhum espírito de humanidade, roubaram a nossa boa fé. Elegemos senadores, deputados, prefeitos, vereadores pela Arena, hoje PDS, e nenhum reclama em nosso favor. Por isso fazemos um apelo a todos os trabalhadores para não caírem mais em saliva barata. Precisamos nos unir em torno do PMDB, que é partido da burguesia nacional mas defende um pouco os trabalhadores que estão há muito sendo humilhados. Não tenham mais ilusão no PDS! **(N.S. Amargosa, BA)**

SECUNDARISTAS - GO

I Seminário Nacional de Educação

Secundaristas goianos amigos do jornal **Tribuna Operária** convocam todos os secundaristas brasileiros também ligados a este jornal para participarem do I Seminário Nacional sobre Educação e Movimento Secundarista, a se realizar no dia 31 de janeiro de 1981 em Alagoas.

Goiás, como centro de correspondências, pede que escrevam analisando as condições objetivas do seminário, e em especial os secundaristas de Alagoas, um relatório sobre a realização do mesmo.

Pedimos a colaboração das sucursais e das pessoas responsáveis pelo jornal em várias cidades, no sentido de colocarem todos os secundaristas em contato com Goiás que, devido à mobilização nas eleições da UMES, perdeu os endereços já contidos. Escrevam para: Virgílio de Alencar, rua 202, nº 89 — Vila Nova, Goiânia, GO — CEP 70.000 **(Secundaristas amigos da TO — Goiânia, GO)**

POESIA SOBRE O TRABALHADOR - RS

A união será a vitória

Trabalhador, teu irmão
está na prisão.

Ele pede liberdade,
ele só quer igualdade.

Trabalhador pelo pão
vale enfrentar um batalhão.

Trabalhador unido
nunca será vencido.

A união será a vitória,
o povo ficará na história.

Abaixo o imperialismo!
Viva o socialismo!

(A.A. — Rio Grande, RS)

GRILAGEM EM SÃO FÉLIX - GO

Para defender Carioba

Cerca de 500 pessoas estão ameaçadas de despejo pelo industrial J.J. Abdalla, famoso por seus golpes contra os operários de suas empresas e contra a receita federal e estadual. Trata-se de Vila Carioba, núcleo inicial da cidade de Americana, surgida no começo do século com a implantação da primeira indústria de tecidos da cidade.

Abdalla adquiriu a fábrica e a vila, onde mora até hoje grande parte de seus operários, que ali estão há cerca de 30 anos. Por causa de suas falcatruas, a empresa foi fechada e um acordo foi feito com os operários para o pagamento da indenização, que ainda não foi paga apesar da Justiça já ter decretado a obrigatoriedade do pagamento.

Agora, Abdalla quer lotear o terreno onde moram os operários e está fazendo pressão para que eles desocupem as casas, e inclusive já começou a demolir algumas delas.

Como resposta, os moradores formaram um Comitê de Defesa de Carioba, integrado por moradores do bairro, membros do PMDB e do PT locais e por representantes do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Artístico, interessado no tombamento da vila, que é histórica.

Como as ameaças de despejo foram muitas, o Comitê reuniu-se com o prefeito da cidade, Waldemar Tebaldi, pedindo providências. O prefeito prometeu que, caso Abdalla não paralisasse as demolições, decretaria toda área de utilidade pública, impedindo que o empresário mexesse nela.

Depois da reunião com o prefeito, Abdalla tentou demolir ainda uma casa. Mas o Comitê chamou o prefeito que, comparecendo à vila, postou-se com os moradores na frente das máquinas e sustou a demolição.

O Movimento de Defesa de Carioba e de seus moradores está crescendo dia a dia, sensibilizando a cidade. O deputado estadual Vanderlei Macris, do PMDB de Americana, está também agindo no sentido de preservar a vila. A deputada Irma Passoni, do PT de São Paulo, também se reuniu com os moradores e prometeu interceder por eles. **(Um morador de Carioba — Americana, SP)**

QUÍMICOS - SP

Os novos faraós dos anos 2.000

Estive presente em uma reunião, no sindicato dos Químicos no dia 28 de novembro, e fiquei mais crente de que os trabalhadores de todas as categorias devem caminhar num sentido de mais esforço e fé pelas vitórias obtidas nestes 16 anos de lutas contra a ditadura governamental.

Na reunião estiveram presentes o sr. Nelson Machezan, o sr. Hugo Perez, o secretário do prefeito, o secretário do governador e muitos outros que foram enviados para entregar os certificados aos mais de 20 recém formados sindicalistas.

O sr. Hugo Perez, do DIEESE, aproveitou a oportunidade dos 25 anos de fundação da entidade e desabafou: para ele os professores são loucos, os sindicalistas também o são. Falou também do chefe da nação. Ele acha que o sr. Ministro Delfim Netto quer eliminar a classe média, deixando apenas pobres e ricos. Mas acabando com a classe média os governantes não se tornam os faraós dos anos 2000? Mas se é isso que o nosso ministro espera, temos nossa resposta: 82 vem aí! **(G.P.S. - São Paulo, SP)**

SITUAÇÃO DO POVO EM URANDI - BA

Prefeito promete tudo e não faz nada

O sr. Antônio Gomes Bitone, prefeito de Urandi, Bahia, goza de gordas mordomias em detrimento dos trabalhadores e do povo da cidade. Uma de suas últimas façanhas foi o desvio de uma verba destinada à construção de um estádio. Desvio por sinal muito duvidoso, pois desde que assumiu a Prefeitura, ele vem se enriquecendo gradativamente.

O sr. prefeito também vem sendo campeão de enganação na Bahia, prometendo mundos e fundos. Quando faz alguma coisa é como o poço artesiano e a luz, que só funcionaram na hora da inauguração e em épocas de eleição.

Um ambulatório existente nesta cidade, como as outras coisas, também não funciona e está servindo apenas de depósito e moradia de funcionários da Prefeitura. O povo desta cidade quando precisa de exames e assistência médica recorre a cidades vizinhas e quando precisa de alguma ambulância não usa, pois estas estão sempre a serviço particular do prefeito. **(A.C.G. — Cidadão de Urandi, BA)**

MORADORES DE NOVA IGUAÇU - RJ

Faça algo, prefeito!

Eu gostaria de protestar contra a Prefeitura de Nova Iguaçu. Eles não ligam para nada em Queimados. Todos os moradores são prejudicados. Não temos água encanada; esgotos, nem se fala. De noite é uma mosquitada, ninguém consegue dormir.

Também não temos hospital e nem escolas para as crianças. As que existem são pagas e caras. Nas ruas é uma lama quando chove. Se faz sol, é só poeira. Os ônibus são todos velhos e as empresas de Queimados não ligam para arrumar os ônibus.

Nós também protestamos contra os policiais de Queimados. Nós não sabemos o que eles estão fazendo. O dever deles é prender bandidos, mas isso eles não fazem, porque os bandidos vivem à solta. Não podemos sair mais de nossas casas, nem de dia, nem de noite!

Senhor prefeito de Nova Iguaçu, vê se faz alguma coisa. Dê um jeitinho, pois não podemos mais continuar assim. O povo de Queimados já está revoltado contra o seu partido. É como diz o ditado, seu prefeito: vai limpando, vai limpando! **(Um operário de Queimados - RJ)**

PMDB NO INTERIOR - AL

PMDB se fortalece no interior

O PMDB do município de Paulo Jacinto, cidadezinha do interior alagoano, está forte como nunca. Se as eleições municipais tivessem sido em 15 de novembro, ele assumiria a administração, arrancando 70% dos votos do eleitorado, e o PDS teria uma derrota vergonhosa.

Na presidência do PMDB do município temos o agricultor Neto Viana, líder de grande prestígio na zona rural; e na vice-presidência do partido está o jovem pecuarista José Calado, inteiramente ligado à classe humilde e desfavorecida. O alfaiate Antônio Macário, o senhor Frodoreino e o jovem Elias Bernardino representam grandes quantidades de votos, tanto no trecho rural quanto no urbano.

Na Câmara Municipal, o autêntico parlamentar Guido Falcão vem enfrentando no peito e na raça a maioria de vereadores do governo, deixando-os num beco sem saída. **(M.L.M. — Maceió, AL)**

MAÇONARIA - GO

Maçonaria e pobres

Isto está acontecendo em Rubiataba à 200 quilômetros de Goiânia, em Goiás, com uma sociedade que é a Maçonaria. As pessoas que compõe esta Sociedade, são pessoas muito egoístas e de alta condição financeira: donos de lojas, médicos, gerentes de bancos, promotores, etc.

No dia 11 de outubro, foi realizado um baile cujo traje era social e promóvido por esta Maçonaria. Às duas horas, já com a portaria aberta, e quando chovia muito, entrou uma mulher maltratada e êles a consideraram uma prostituta. Isso para eles era o cúmulo do absurdo, uma mulher mal trajada se misturando no meio de gente da alta sociedade.

A criatura foi retirada violentamente por aqueles maçons que promoviam a festa e jogada para fora do salão, debaixo de chuva; a pobre mulher foi se molhando.

Para mim esta mulher era muito mais direita que muitas mulheres bem trajadas que estavam no salão. Muitas pessoas ficaram conversando sobre a injustiça que aqueles corruptos maçons praticaram. **(Um ex-morador de Rubiataba e leitor do Tribuna. D.A.G. — Goiânia — GO)**

GRILAGEM URBANA EM AMERICANA - SP

Não tem solução para nós?

Em 1960, começaram a chegar os primeiros moradores de São Felix. O povoado ficou grande, com 250 famílias. Grande parte delas veio do Maranhão. Vivíamos tranqüilos, trabalhando nas roças, produzindo muito arroz, feijão, mandioca. Saía muita produção daqui.

Em 1973, acabou a tranqüilidade com a chegada dos grileiros Geraldo Rosa, Quitão e Ovídio. Começaram a expulsar o povo da terra. Sem condição, muitos posseiros foram embora para outros lugares. Hoje restam aproximadamente 100 famílias, todas elas sem condição de cultivar a terra. Houve a partir desta data todo tipo de pressão para nos afastar daqui. Até o Dr. Domingos, juíz de direito de Tocantinópolis, veio nos ameaçar acompanhado de policiais e pistoleiros.

Sempre há pistoleiros muito armados para nos amedrontar e impedir de trabalhar em nossas posses.

Mas nunca fomos humilhados e atacados com tanta violência como no mês de setembro de 1980. No dia 9 de setembro às 4:30 hs., começaram a atacar. Eram cerca de 25 policiais, um oficial de justiça e um tenente, o gerente da fazenda Divino Ferreira e o fazendeiro Geraldo Rosa. Prenderam 9 lavradores só do povoado de S. Félix, como se fossem criminosos. Os policiais invadiram e arrombaram casas antes mesmo de clarear o dia. Levaram aproximadamente 11 espingardas de caça, um revólver e faca dos posseiros. Muitos lavradores, apavorados, fugiram para a mata.

Funcionários do Getat estiveram junto com o Divino para derrubar a casa do lavrador João dos Santos de Souza, com 10 anos de posse, com cadastro do Incra, e com documento de cessão de posse.

No dia 14 de setembro chegaram novamente os policiais. Prenderam alguns lavradores que já haviam prendido no dia 9 de setembro. Espancaram muito, humilharam e obrigaram os lavradores a assinar documento sem saber o que era.

Depois desses ocorridos, as ameaças continuaram. Na sede da fazenda estão 3 pistoleiros armados, impedindo o povo de trabalhar nas suas terras. Inclusive soltaram gado nas roças dos posseiros. Não temos mais sossego. Muitos foram embora desesperados. Nós que estamos aqui, abalados, esperamos uma ajuda para continuar nosso trabalho. Já não agüentamos mais tanta repressão. Nossos filhos crescem marcados pelo terror e pelo medo provocado pelos grandes latifundiários e autoridades. Será que não tem solução para nós? **(O povo de São Félix - GO)**

BRASILEIRO PRESO NO PARAGUAI - DF

Torturas no Paraguai

Fomos para Assunção (Paraguai) participar de um debate num colégio sobre Amazônia e meio ambiente. Assim que chegamos em Assunção, fomos presos por três policiais, que invadiram a casa de Vik Pane (cineasta paraguaio onde estávamos hospedados), revistaram nossas malas e nos levaram para a Delegacia de Narcóticos e Drogas Perigosas.

Num cubículo de 2 X 2 metros, ficamos com 9 pessoas. Ficamos 6 dias comendo lavagem, levando tapa na cara, incomunicáveis, sem direito a advogado. Depois fomos transferidos para o Cuartel de Investigaciones, com oficiais fardados e agentes à paisana. Fomos fichados e fotografados.

Tínhamos que fazer a limpeza todos os dias, às 4hs. da manhã e às 3hs. da tarde. Os oficiais nos batiam com as espadas nas costas, onde pegasse. Dentro da cadeia, tínhamos que obedecer os presos ("cabriteiros" — ladrões de carros e pistoleiros profissionais) que tinham afinidades com os comissários. Éramos quatro brasileiros: eu, um cantor e compositor profissional, José Luis Fernandes, o cineasta Pedro Pereira Dias e Paulo Roberto Filisbino, que perdeu tudo que tinha.

Ficamos 23 dias esperando o consulado. Enquanto isso, lavávamos Brasílias, Passats e Opalas de 1980, roubados do Brasil, levados pelos cabriteiros com auxílio do **Detran** paulista.

Um comunista — como são chamados os que discordam dos pupilos do sr. Stroessner — apanhou três horas com os pés para cima e depois ficou algemado 15 dias com as mãos para cima. Seus pés incharam e ele quase morreu. Ele ficava algemado com um ferro nos pés e ninguém falava com ele.

Vendemos roupas, o violão e conseguimos dinheiro para as passagens, porque o nosso foi gasto apenas com comida, a comida da cadeia. Um chileno e uma brasileira, Diva Gonçalves, completaram o dinheiro da passagem.

Estamos denunciando este fato à imprensa, porque não sabemos o número de brasileiros que se encontram nas diversas cidades e presídios paraguaios, sofrendo torturas, sendo tratados sem o mínimo de respeito à pessoa humana. **(Brasília, DF)**

CPI SOBRE GRILAGEM - BA

Grileiro tem medo da CPI

Chegou às raias do ridículo e do absurdo, o que vem acontecendo com uma CPI, instaurada na Assembléia Legislativa da Bahia, para apurar caso de grilagem em nosso estado.

A tal da Comissão Parlamentar de Inquérito vinha ouvindo normalmente as partes envolvidas, sendo que até mesmo o deputado estadual do PDS, José Alves Rocha, prestou depoimento para refutar as acusações de grilagem no interior do Estado, que lhe são feitas por posseiros da zona Sul da Bahia.

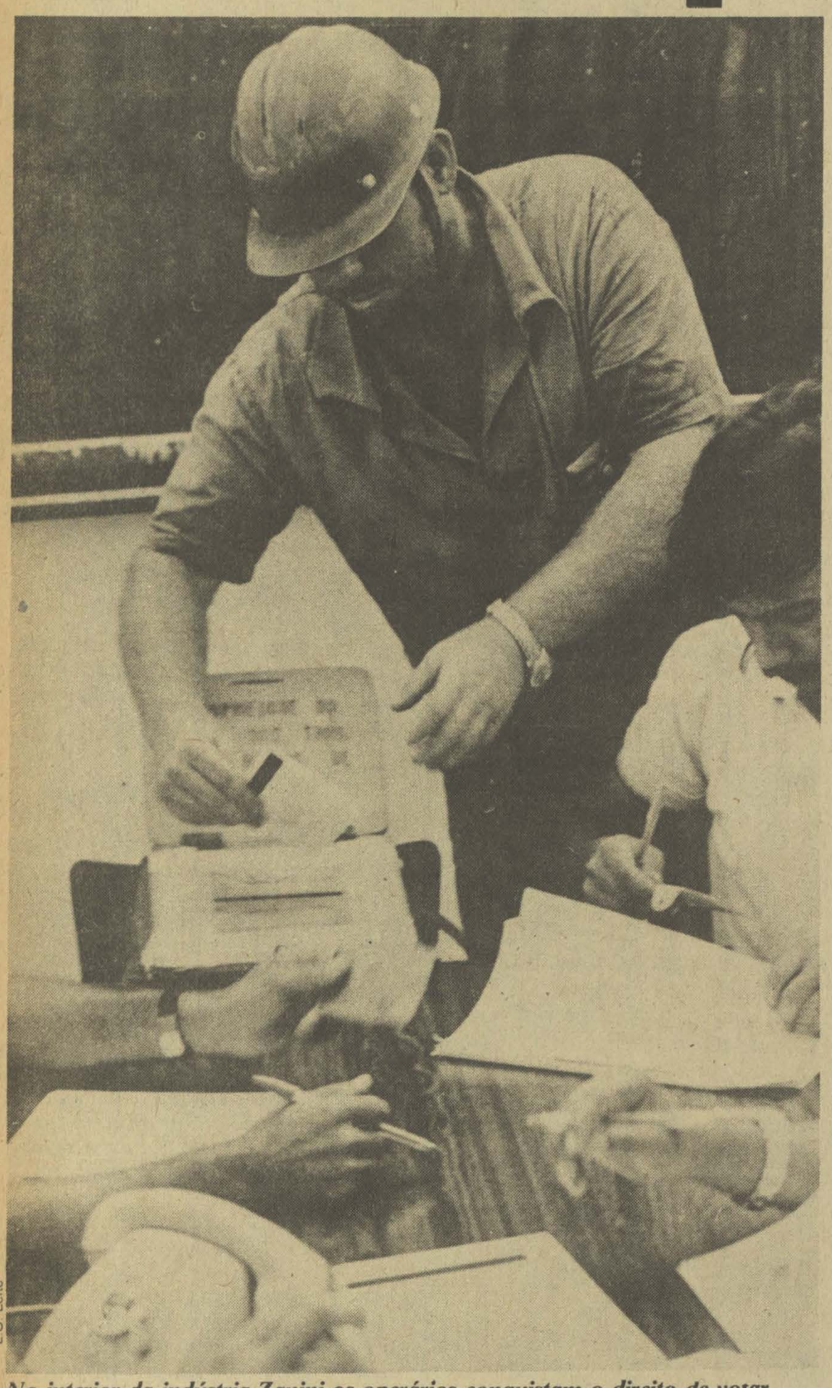
Acontece que, querendo apurar a denúncia contra o Sr. Clemens Sampaio, acusado de invadir terras e coagir moradores, auxiliado por policiais, a tal comissão caiu do cavalo pois o tal grileiro se negou a comparecer à audiência, gritando alto e falando grosso, dizendo ser amigo do Sr. Antônio Carlos Magalhães, e considerando-se por isso, imune à ação e punição da Justiça, desrespeitando os deputados, o povo e desmoralizando a Comissão Parlamentar.

Convidado pela 5ª vez, mais uma vez o grileiro Clemens não compareceu nem deu satisfação. De triste memória para os oposicionistas e o povo da Bahia, o Sr. Clemens, que foi candidato ao Senado pelo antigo MDB, concorrendo com outra excrecência pública, o Sr. Luiz Viana, que disse recentemente que a eleição para presidente (diretas) é proposta provocativa da oposição acabou fazendo acordo com ACM, traindo o povo e os oposicionistas que o apoiaram.

Espero que os companheiros publiquem esta denúncia, uma vez que se trata de mais uma violência cometida contra o povo, pelo truculento e tristemente célebre Antonio Carlos Magalhães e seus asseclas. **(Um funcionário público — Salvador, BA)**

CDM Centro de Documentação e Memória

Patrões que se cuidem



L.C. Leite

No interior da indústria Zanini os operários conquistam o direito de votar

Na madrugada de 18 de dezembro os capitalistas de Ribeirão Preto e Sertãozinho (SP) não puderam dormir direito. Caixas e caixas de fogos de artifício pipocavam nos bairros pobres da cidade. Eram os metalúrgicos, festejando a vitória da chapa 2 e a queda do traidor João Gonçalvez, há 16 anos no sindicato.

Este foi o primeiro alerta aos patrões. "Eles que se cuidem, porque agora o sindicato é dos trabalhadores e não vai haver mais namoro entre os industriais e os empregados", afirma um metalúrgico, jovem, mas já consciente de que não há paz social entre duas classes antagônicas, a dos capitalistas e dos assalariados.

OLHOS ABERTOS

A festa só começou depois que os metalúrgicos viram a ata assinada. Afinal este já era o segundo escrutínio (no primeiro a Chapa 2 também ganhou só que não levou) e esperavam-se tramóias da pelegada e dos patrões. No final da apuração os resultados confirmaram o anseio da categoria em ver o sindicato dinamizado e combativo: a chapa 1, do pelego, ficou com 765 votos e a 2, que tem operários forjados na luta, ficou com 1.253. Das oito urnas, seis deram vitórias pra chapa 2.

Para encerrar esta primeira comemoração — haverá outra maior — houve cervejada bem frente ao Estádio de Sertãozinho, local onde os metalúrgicos realizaram suas assembléias de até cinco mil pessoas, durante a greve de abril de 1980. Foi nesta greve que muitos entenderam que o sindicato é uma importante arma nas mãos dos trabalhadores. Nas assembléias e durante a mobilização da categoria todos notaram a falta do pelego João Gonçalvez e souberam que ele planejava com os patrões a formação de comandos de fura-greves. A partir daí nasceu a Chapa de oposição, composta pelos que mais se destacaram na greve.

MEDO DOS CAPITALISTAS

Com medo de novas paralisações, os patrões tudo fizeram para manter no trono seus agentes, os pelegos. Na Zanini, maior metalúrgica da região e reduto da chapa 2, houve até conversações entre os chefetes e os traidores do sindicato e as urnas foram escondidas num canto da fábrica. "Aqui não é o voto que é secreto, mas sim as urnas", comentava Wagner de Carvalho. Para acabar com a farsa, **Guerreiro,** candidato a presidente do sindicato e metalúrgico na Zanini, teve que se dirigir para lá e mostrar a seus companheiros o caminho para as urnas.

Outro que, além dos patrões, acompanhou de perto as eleições e ficou descontente com a vitória dos trabalhadores, foi o superpelego Argeu dos Santos, presidente da Federação dos Metalúrgicos de São Paulo e ex-diretor do sindicato de Ribeirão.

A alegria dos metalúrgicos da região é muito grande e não é para menos. Afinal eles conseguiram derrubar uma fortaleza do peleguismo. Como explica **Guerreiro,** vários fatores contribuiram para isto: "O principal é que os companheiros de chapa são bastante respeitados tanto em suas fábricas como pela categoria no conjunto, devido à direção acertada da nossa greve. E a formação da chapa foi bastante democrática. Além disto contamos com o apoio de muita gente. Até o prefeito de Sertãozinho (do PMDB) nos deu uma força. E para nos assessorar juridicamente tivemos bons advogados, como o Abadias".

"A BRIGA VEM AGORA"

Guerreiro, desde quando começou a trabalhar como metalúrgico, há oito anos , participa da vida do seu sindicato, "apesar de não concordar com sua diretoria". Com bastante humildade, ele diz que "a briga dura vem agora, para reerguer a entidade. Vamos começar sindicalizando muita gente e criando novas subsedes, além de dar cursos e debates e ajudar a organização nas fábricas. A tarefa é dura mas o que não falta na gente é vontade".

(Altamiro Borges, enviado especial).

Eletricitários da Bahia reunidos em assembléia na luta por salários justos

ELETRICITÁRIOS - BA

Sindicato agora com energia total

Grande vitória dos eletricitários da Bahia: ganharam as eleições do seu sindicato, realizadas na segunda semana de dezembro, pondo fim ao reinado de 17 anos do pelego Napoleão Topázio. A categoria, formada pelos trabalhadores da CHESF, COELBA e COBER, não brincou em serviço. Votou em massa e favoreceu a chapa 2 da oposição em 28 das 30 urnas, somando 3.446 votos contra 517.

A vontade de derrubar Topázio era forte. Todos sabiam dos seus conchavos com os patrões, sabiam das fraudes eleitorais e tinham fortes suspeitas de corrupção, como por exemplo de que familiares do pelego estudavam e viajavam para os Estados Unidos às custas do Sindicato. Seu filho uma vez falou aos trabalhadores da COELBA: "Olha aí seus otários, estão vendo meu carro novo? Pois foram vocês que me deram".

MANOBROU MAS PERDEU

Sentindo o repúdio da categoria, Topázio fez de tudo para não perder o trono. Tentou atrasar o processo eleitoral, indicou seus velhos amigos para presidir as apurações, sumiu com as chaves da sala onde estavam as urnas lacradas, enfim utilizou todos os seus truques. A resposta, porém, foi forte e vigorosa. Através de medidas judiciais e da mobilização da categoria, garantiu-se o resultado.

A **Tribuna,** que acompanhou todo o processo eleitoral, ouviu Marcus Nilton Vasconcelos, Vice-Presidente eleito, que afirmou: "Dessa vez o pelego não tinha como escapar, pois, além do bom trabalho do pessoal da chapa, o sentimento de revolta era muito grande entre todos contra a atual diretoria. Não é à toa que 95% dos sindicalizados votaram".

AÇÕES CONJUNTAS

Mas, segundo Marcus, "o trabalho apenas começou e não vamos esperar pela posse no final de janeiro. Nessa época será o dissídio da COELBA e devemos enfrentá-lo organizados com a mesma combatividade com que enfrentamos as eleições".

Ele reafirma todo o programa da chapa. E lembra que "ações conjuntas como as que desenvolvemos em conjunto com o combativo sindicato dos eletricitários de Pernambuco, nas lutas salariais da CHESF, representam um importante passo na união de todos os trabalhadores e vamos em frente batalhando lado a lado com todos os sindicatos e trabalhadores".

(da Sucursal)

Tribuna da Luta Operária

ENSINO E VESTIBULAR

Pobres longe da faculdade

O vestibular se transformou numa desesperada luta para milhares de estudantes que tentam obter uma vaga na universidade. E numa formidável máquina de ganhar dinheiro para os donos dos "cursinhos" e faculdades particulares. Ele é apenas o último filtro dos vários que o aluno enfrenta desde o primário. E nesta seleção, os alunos de mais baixa renda são as principais vítimas.

Um número cada vez maior de estudantes procura uma vaga na universidade. Este ano, somente na Universidade de São Paulo, são 103.934 candidatos para 6.368 vagas. O vestibular é a última barreira a ser enfrentada antes de alcançar a faculdade e a seleção se faz muito mais pelo nível econômico do que pela capacidade intelectual do candidato.

ESTUDANTE POBRE DE FORA

A marginalização do estudante brasileiro começa desde o ensino do 1.º grau. Os setores de mais baixa renda da população brasileira têm menores chances de freqüentar escolas e quando as têm, começam a estudar mais tarde, são reprovados mais intensamente, evadem-se em maior número pela necessidade de trabalhar e usufruem de ensino de mais baixa qualidade.

Devido a isso, de cada mil alunos que entram no ensino de 1.º grau, somente 96 conseguem chegar ao 1.º ano de universidade. E dos universitários, 80% provêm das camadas de renda mais alta. A seleção econômica fica ainda mais clara quando vemos que apenas 1,7% dos 127.220 candidatos inscritos na USP para o vestibular de 1980, pertenciam a famílias com renda abaixo de cinco mil cruzeiros mensais. A nível nacional, a última estatística disponível, do final de 1977, mostrava que 51% da população de renda mais baixa ficavam com somente 11,6% das vagas no ensino superior.

Durante os últimos 15 anos, enquanto o ensino oficial permaneceu estagnado, as escolas particulares cresceram assustadoramente. No ensino superior, até 1969 havia mais alunos nas universidades federais que nas particulares e hoje somente 36% freqüentam escolas públicas.

No ensino de 1.º grau (obrigatório dos 7 aos 14 anos de idade e gratuito nos estabelecimentos oficiais, de acordo com a Constituição) a situação não é melhor. Segundo uma pesquisa recente feita pela Fundação João Pinheiro, de Belo Horizonte, intitulada "Avaliação do Acesso da população de Baixa Renda a Serviços de Educação", não foi encontrada uma única escola pública na periferia da capital mineira que oferecesse a segunda etapa do curso de 1.º grau.

Das poucas escolas oficias que oferecem a segunda etapa do 1.º grau, 61% estão concentradas nos bairros da Zona Sul, onde reside a elite. Da população de faixa etária entre 7 e 14 anos de Belo Horizonte, apenas 43% completam o 1.º grau.

ENSINO RUIM E CARO

Se já é difícil para o pobre completar o ensino de 1.º grau, no ensino de 2.º grau a coisa piora. Em 1977, de um total de 30.631 cursos de 2.º grau, 17.541 eram particulares. A pesquisa da Fundação João Pinheiro mostra que na capital de Minas, 91,8% das escolas do 2.º grau estão vinculadas à rede particular de ensino.

Grande parte do ensino está nas mãos de particulares, mas isto não quer dizer que o nível seja bom. Em 1977 foi aberta uma Comissão Parlamentar de Inquérito para averiguar a situação da educação no Brasil. A conclusão da CPI foi que "o nível de ensino superior no Brasil é considerado um dos mais baixos do mundo e propicia lucros fabulosos às entidades mantenedoras das faculdades (particulares), que se tornaram autênticos estabelecimentos comerciais, cujo único objetivo é o lucro fácil e imediato".

Numa situação dessas, não é de estranhar que o Cesgran-Rio, orgão encarregado de elaborar os vestibulares do Grande Rio, diga que é possível definir previamente os alunos que entrão na universidade, apenas pela declaração do Imposto de Renda do pai. **(Domingos Abreu)**

Marisa Uchiyama

Das crianças pobres que entram na escola, somente 2% chegam ao vestibular

Isto É

Fiel Filho, vítima do Exército

Isto É

A viúva, Dona Tereza: "Sempre tive certeza de que ele morreu assassinado"

CRIMES DA REPRESSÃO

JUSTIÇA AINDA QUE TARDE

O Estado é culpado pela prisão ilegal, tortura e morte do metalúrgico Manoel Fiel Filho, há 5 anos, num quartel do Exército em São Paulo. Foi o que concluiu a Justiça, dia 17 de dezembro.

A sentença é do juiz Jorge Scartezzini, da 5ª Vara Federal de São Paulo. Ele demonstrou que é falsa a versão oficial do Exército, de que Manoel havia se enforcado na prisão. Condenou o Estado a pagar uma indenização que poderá chegar a dez milhões de cruzeiros. E abriu caminho para a responsabilização dos assassinos, inclusive o general Ednardo D'Avila Melo, comandante do II Exército na época.

UMA PRIMEIRA VITÓRIA

"Foi uma vitória contra os que mataram papai" — dizia Márcia, 21 anos, filha caçula da vítima, abraçada a Dona Tereza, sua mãe, que comentava chorando: "Não há dinheiro no mundo que pague a morte dele, mas sempre tive certeza de que meu marido morreu assassinado".

Na verdade foi apenas um primeiro passo, pode haver ainda recursos, protelações, enrolações, mas sem dúvida foi um êxito. E não só da família, mas de todos os brasileiros desejosos de justiça, com destaque para os metalúrgicos de São Paulo, a categoria de Fiel, de Santo Dias da Silva e tantos outros mártires da resistência à ditadura militar e da luta pela emancipação da classe operária.

O CASO LUIS EURICO

Na mesma época, o juiz Hélio Lobo, também de São Paulo, atestava que o corpo enterrado como indigente no cemitério de Perus, sob o nome de Nelson Lobo é na verdade o de Luis Eurico Tejera Lisboa, jovem gaúcho preso e "desaparecido" em 1970.

São os primeiros pedaços da realidade sinistra da repressão militar-fascista, que pouco a pouco vão surgindo à luz do dia.

O que os moveu a lutar

Transcorreu em dezembro o quarto aniversário da "chacina da Lapa", em que o Exército abateu a tiros Pedro Pomar, Ângelo Arroio e horas depois, na tortura, João Batista Drumond. E o oitavo aniversário do assassinato, igualmente cruel, de Carlos Danielli, Luis Guilhardini e Bicalho Roque.

Arroio, Danielli e Guilhardini eram metalúrgicos de origem. Pomar e Oest estavam entre os veteranos do movimento operário e comunista, sendo o primeiro membro da direção central do PC do Brasil desde 1934. Drumond e Roque, jovens ainda, haviam aderido ao partido já sob o regime militar. Mais do que a morte trágica nas garras dos órgãos repressivos, o que une estes nomes é a condição de comunistas, homens devotados até o fim à causa da libertação da classe operária.

Muitos trabalhadores se perguntam o que move os comunistas a sacrificar assim a vida, numa luta aparentemente desigual. São idealistas — dizem uns. São revoltados — dizem outros. O comunismo, porém, é mais que uma revolta ou uma ideal: é uma ciência. Ele mostra, com o rigor das ciências exatas, que o capitalismo é um sistema social condenado à morte, devido às suas próprias contradições internas. Que a classe operária, filha enjeitada deste mesmo sistema, é a força que há de enterrá-lo para sempre. E que para cumprir sua missão emancipadora o proletariado precisa organizar seu quartel general, seu destacamento de vanguarda.

Em poucas linhas, são estas convicções que levam milhares de filhos da exploração e da luta de classes a combater.

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Perseu Abramo